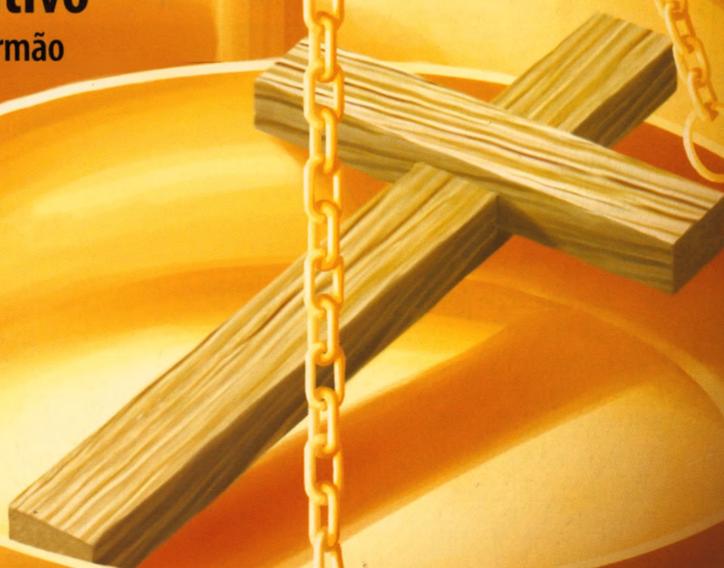
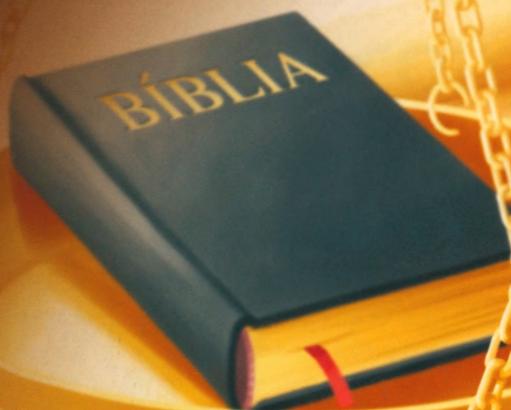


# Ministério

Uma revista para pastores e líderes de igreja

Novembro-Dezembro de 2009



**O grande propósito positivo**  
Característica indispensável de todo sermão

## Salvação por inteiro

Uma resposta à tendência de se falar sobre justificação sem o equilíbrio do chamado à santificação



Criação, sábado e louvor, p. 21

Um pouco da segunda vinda, p. 24



# É tempo de planejar

**N**ão sei como você planeja seus compromissos diários, mas meu sistema é simples: mantenho uma agenda que atualizo regularmente, do contrário, posso me distrair e deixar de fazer algumas coisas necessárias. A realização de cada item me dá sensação de missão cumprida.

Além dessa agenda diária, considero ajudador fazer outra mais abrangente. Essa contém meus planos de estudo, leitura e relacionamento com pessoas importantes da minha vida. E também está sempre aberta à inclusão ou exclusão de alguns itens. O fim do ano parece uma boa ocasião para revisar nossa agenda. O que você pode incluir nela? Quão grande deve ser? Não sei; mas, partilharei alguns itens que considero essenciais. Ei-los:

**Leitura da Bíblia.** Costumamos usar a Bíblia durante o preparo de sermões ou pesquisa. Mas, é necessário gastar tempo em sua leitura tendo em vista o benefício e crescimento pessoal. Sempre escolho as passagens que, acredito, me abençoarão. Sabemos que esse tipo de leitura bíblica compete com as atividades, mas ele é vital para nosso bem-estar espiritual.

**Vida devocional.** Juntamente com a leitura da Bíblia, também sou encorajado pelo contato com outros escritos espirituais. Há muitos bons livros, mas durante alguns anos tenho desfrutado a leitura de *O Maior Discurso de Cristo*. Esse livro anima e fortalece a fé. Para mim, seus ensinamentos têm sido valiosíssimos.

**Educação contínua.** Se já gastamos tantos anos em nosso preparo ministerial, por que ainda é necessário investir tempo em educação contínua? Porque o estudo adicional é feito em uma condição disciplinada. Ao desenvolvê-lo, interagimos com seu conteúdo, participando, perguntando e respondendo. Desse modo, nossa mente é aguçada.

**Planejamento.** O que você gostaria de realizar no próximo mês, nos próximos seis meses, ou no próximo ano? Que plano você tem para suas congregações? Caso seja professor, gostaria de especializar-se em alguma área no próximo ano? A ausência de planejamento quase é garantia de que, embora estejamos ocupados, provavelmente realizaremos pouco. Planejamento é caminho seguro para o êxito pastoral.

*“Ausência de planejamento é garantia de pouca realização independentemente da correria”*

**Família.** Que dizer sobre a família? Você trabalhará empenhado em fazer alguma coisa para que sua família sinta que é importante em seu ministério e vida? Ou se dedicará de corpo e

alma ao trabalho, indiferente às necessidades dela, presumindo que ela já sabe que você a considera importante? Nossa família precisa saber, através de atos específicos de nossa parte, que ela é muito importante para nós.

**Colegas.** Muitos colegas têm sido uma bênção para mim, tanto pessoal como profissionalmente. Alguns deles necessitam de meu encorajamento; outros me encorajam. Para manter o relacionamento saudável, não posso esquecê-los. Interagir com eles faz parte do meu trabalho e vida.

Você pode acrescentar a essa agenda o que mais desejar. Certamente, a sua será diferente da minha, mas espero que a tenha, a menos que não se importe em ficar frustrado.

Neste fim de ano, aproveite para revisar e refazer sua agenda de atividades e pessoas. Focalize-a. Ela funciona como uma bússola. Tendo um líder que sabe de onde sai, por onde e para onde vai, os membros da igreja se sentem seguros. ▀

**Editor:**

Zinaldo A. Santos

**Assistente de Redação:**

Lenice F. Santos

**Revisoras:**

Josiéli Nóbrega e Rosemará Santos

**Chefe de Arte:**

Marcelo de Souza

**Designer Gráfico:**

Marcos S. Santos

**Ilustração de capa:**

Marta Irokawa

**Colaboradores Especiais:**

Bruno Raso; James Cress;

Nikolaus Satelmajer

**Colaboradores:**

Edilson Valiante; Edward Heindinger

Zevallos; Feliz Santamaría; Francisco C.

Bussons; Horácio Cairus; Ivanaudo B.

Oliveira; Ivancy Araújo; Jair Garcia Góis;

Montano de Barros Netto; Patrício B.

Alfaro; Samuel Jara; Valdinho Quadrado

**Diretor Geral:**

José Carlos de Lima

**Diretor Financeiro:**

Edson Erthal de Medeiros

**Redator-Chefe:**

Rubens S. Lessa

**SERVICO DE ATENDIMENTO AO CLIENTE**

Ligue Grátis: 0800 979 06 06

Segunda a quinta, das 8h às 20h

Sexta, das 7h30 às 15h45

Domingo, das 8h30 às 14h

Site: [www.cpb.com.br](http://www.cpb.com.br)

E-mail: [sac@cpb.com.br](mailto:sac@cpb.com.br)

Ministério na Internet:

[www.dsa.org.br/revistaministerio](http://www.dsa.org.br/revistaministerio)

[www.dsa.org.br/revistaeministerio](http://www.dsa.org.br/revistaeministerio)

Redação: [ministerio@cpb.com.br](mailto:ministerio@cpb.com.br)

Todo artigo, ou correspondência, para a revista **Ministério** deve ser enviado para o seguinte endereço:

Caixa Postal 2600 – 70279-970 – Brasília, DF

Assinatura: R\$ 45,60

Exemplar Avulso: R\$ 9,50

 CASA  
PUBLICADORA  
CASA BRASILEIRA

Editora dos Adventistas do Sétimo Dia  
Rodovia SP 127 – km 106 – Caixa Postal 34  
18270-970 – Tatuí, SP

 Todos os direitos reservados.  
Proibida a reprodução total  
ou parcial, por qualquer meio, sem *prévia*  
*autorização escrita* do autor e da Editora.



# Um pregador completo

**S**empre achei difícil responder a perguntas como estas: Qual é o hino que você mais aprecia? Qual é o texto bíblico de sua predileção? Que personagem da Bíblia você pode apontar como sendo seu herói? Já ouvi muitas pessoas respondê-las com segurança e exatidão; porém, no meu caso, como é possível um pastor sexagenário, adventista de berço, escolher um hino entre tantos que já ouviu e cantou junto a congregações, em solos, quartetos, corais, duetos e trios, durante todos esses anos? Há muitíssimos hinos que me falam ao coração; não apenas um. Como posso escolher uma passagem bíblica específica, entre tantas que, em ocasiões, situações ou circunstâncias diferentes, marcaram minha vida? Como posso escolher apenas um personagem na extensa galeria de heróis e heroínas que nos ensinam preciosas lições, com seus acertos e virtudes, e também com seus erros?

Porém, não faz muito tempo, durante um período em que tive que me dedicar ao preparo de mensagens a ser apresentadas num retiro de jovens, reencontrei o apóstolo Paulo. Mergulhado na sublimidade dos seus ensinamentos, na enriquecedora experiência de sua vida e seu chamado, bem como em seu exemplo como líder, pastor e pregador, me surpreendi pensando: Se, algum dia, eu for colocado diante da obrigação de apontar apenas um herói da Bíblia, acho que optarei pelo grande apóstolo Paulo, sem esquecer de acrescentar silenciosamente: entre muitos outros.

Depois do chamado que lhe foi feito por Deus, de modo absolutamente incomum, na poente estrada de Damasco, “Cristo e este crucificado” (1Co 2:2) Se tornou a grande paixão de sua vida. Como disse Humberto Rhode, “Paulo foi um livro que só falava de Cristo. Foi uma flama que ardia apenas por Cristo. Foi um gênio que só pensava em Cristo. Foi um homem com uma vontade que só desejava Cristo. Foi um soldado que só lutava por Cristo. Foi uma alma que só vivia para Cristo, por Cristo e através de Cristo”.

A enfática defesa feita, por ele mesmo, em favor de seu ministério e de sua autoridade apostólica (2Co 10-12) revela inamovível certeza do chamado divino e absoluto comprometimento com ele. Ao se despedir dos anciãos de Éfeso, sua consciência de pregador estava em paz: “porque jamais deixei de vos anunciar todo o desígnio de Deus”, ele disse (At 20:27). Isso inclui, evidentemente, o ensino completo sobre o plano da redenção, sem ênfase unilateral de liberalismo nem legalismo. Como fiel pregador, Paulo expunha equilibradamente diante do povo a salvação pela graça (justificação), seus resultados na vida do ser humano (santificação), o clímax da segunda vinda de Cristo e a recompensa dos salvos (glorificação). Exatamente o que, como pregadores adventistas, fomos chamados a fazer, promovendo assim o crescimento espiritual do rebanho. ▀

Zinaldo A. Santos

### 10 O GRANDE PROPÓSITO POSITIVO

Um ingrediente que não pode faltar no sermão.

### 13 PERFIL DE UM LÍDER

Lições de liderança do apóstolo Paulo na carta a Filemom.

### 14 VERDADE EM CARIDADE

Análise da nova encíclica papal, *Caritas in Veritate*.

### 17 SALVAÇÃO POR INTEIRO

É dever do pregador enfatizar todos os aspectos do plano da redenção.

### 21 CRIAÇÃO, SÁBADO E LOUVOR

Estudo científico sobre a relação entre natureza, sétimo dia e adoração.



Foto: Jupiterimages

### 24 UM POUCO DA SEGUNDA VINDA

A vocação pastoral envolve ações para tornar o mundo melhor, agora.

### 27 PONTES PARA O DIÁLOGO

Editor analisa as implicações do livro *Questões Sobre Doutrina*.

### 30 POR UM REDIL SEGURO

Sugestões para a conservação de membros na igreja.

### 2 SALA PASTORAL

### 3 EDITORIAL

### 5 ENTREVISTA

### 8 AFAM

### 32 MURAL

### 34 RECURSOS

### 35 DE CORAÇÃO A CORAÇÃO



*“O chamado para ministrar ao necessitado, pobre e oprimido não é tudo o que o evangelho encerra, mas sem esse compromisso, o evangelho não significa boas-novas.”*

Charles Sandefur

# Seara promissora



Foto: Wendel Lima

*"O relacionamento com pastores de outras denominações deve fazer parte de nossa agenda, e Deus os colocará em nosso caminho"*

por Zinaldo A. Santos

**E**m seu livro *Evangelismo*, p. 562, escreveu Ellen G. White: "Nossos pastores devem procurar aproximar-se dos pastores de outras denominações. Orai por estes homens e com eles, por quem Cristo está fazendo intercessão. Pesa sobre eles solene responsabilidade. Como mensageiros de Cristo, cumpre-nos manifestar profundo e fervoroso interesse nestes pastores do rebanho." Fiel à sua missão, a Igreja Adventista do Sétimo Dia desenvolve projetos direcionados a cumprir esse mandato, e o pastor Anthony Kent, secretário ministerial

associado da Associação Geral, é o coordenador das atividades.

Nascido na Austrália, o pastor Kent cursou Teologia no Seminário de Avondale e trabalhou como pastor de igrejas, secretário ministerial e evangelista em seu país e na Divisão Sul do Pacífico. Em 2005, foi integrado à equipe da Associação Ministerial da AG. De seu casamento com Débora Kent nasceram as filhas Chelsea e Geórgia.

Durante encontro de pastores das instituições da União Central-Brasileira, realizado no mês de agosto, em Poços de Caldas, MG, ele falou sobre

o que está sendo feito para alcançar estes "pastores do rebanho", além de outros assuntos.

**Ministério:** Segundo Ellen White, devemos nos aproximar dos pastores de outras denominações. O que a igreja tem feito nesse sentido?

**Kent:** Existe o Projeto Preach [sigla em inglês de "Projeto para alcançar cada clérigo ativo em seu lar"]. Esse projeto foi instituído nos anos 80 e prevê a distribuição da revista *Ministry* a clérigos de outras denominações em todo o mundo. Fazemos isso regularmente a cada dois meses.

Também realizamos o Seminário de Crescimento Profissional, via satélite. É nesse ponto em que os projetos *Preach* e Educação Contínua se encontram. Oferecemos a Educação Contínua não apenas aos pastores adventistas, mas também aos de outras igrejas. Sempre convidamos palestrantes reconhecidos, que têm conquistado a apreciação dos participantes. Há dez mil pastores matriculados no seminário, mas aproximadamente 25 mil assistem a ele, independentemente de matrícula.

**Ministério:** *Esse programa de aproximação dos clérigos inclui também os católicos?*

**Kent:** Claro. Não posso lhe dizer agora o número exato de participantes, porém, mais de 75% deles são de outras denominações e muitos desses são sacerdotes católicos. Outra coisa que temos feito é aproveitar a realização de congressos de outras igrejas, para expor nosso material nos stands disponíveis para isso. Essa é uma oportunidade áurea para estabelecer contato com os outros pastores. Também convidamos renomados eruditos de outras denominações a escrever artigos em nossa revista.

**Ministério:** *De que maneira esses clérigos reagem a tal abordagem?*

**Kent:** Os que recebem a revista, inclusive os padres católicos, nos escrevem demonstrando apreciação e até contribuem financeiramente para sua produção. Num dos congressos mencionados, certo erudito, autor de um comentário bíblico, visitou nosso stand e nos fez saber que também guarda o sábado. Atualmente, na Índia, há centenas de pastores adventistas que anteriormente pertenciam a outras denominações. Nos últimos anos, no México, 14 pastores foram batizados. Muitos deles trouxeram consigo suas antigas igrejas. Nos Estados Unidos, temos alguns exemplos, mas nada comparável ao que acontece na

Índia. Em Papua-Nova Guiné, um evangelista nosso estava pregando para quase sete mil pessoas. Em determinada noite, ele foi impulsionado a fazer um apelo específico aos pastores de várias denominações que ali estavam. Sete deles atenderam, assumindo o compromisso de viver e ensinar às suas igrejas o que aprenderam nas reuniões.

*"Nossos pastores devem procurar se aproximar dos pastores de outras denominações"*

**Ministério:** *Pastores de outras denominações e padres católicos conhecem o pensamento adventista em relação ao que eles ensinam. Como superar essa barreira?*

**Kent:** Devemos nos aproximar deles com sincero desejo de companheirismo, dialogar, orar por eles e junto com eles. Jesus Cristo pode nos ajudar a alcançar corações e vidas. Meu avô foi evangelista num tempo em que a propaganda era muito cara. Então, ele fazia convites pessoais de casa em casa. Certa ocasião, ele bateu à porta de um padre que, muito irado, o expulsou. Meu avô saiu e, mal desapareceu na esquina, foi alcançado por outro padre que estava na casa, ouviu tudo e ficou constrangido. Esse padre pediu desculpas a meu avô e quis saber o que ele estava oferecendo. Ouviu a explicação e prometeu que iria assistir às conferências em outra cidade. De fato, cumpriu a promessa e foi batizado. Depois, estudou em nosso Seminário em Avondale e, mais tarde, trabalhou como evangelista junto com meu avô. O relacionamento com outros pastores deve fazer parte de nossa agenda, e Deus os colocará em nosso caminho.

**Ministério:** *Divisões que também possuem um sistema de comunicação podem realizar o Seminário de Crescimento Profissional, via satélite?*

**Kent:** O Seminário realizado pela Associação Geral está disponível a todas as Divisões. É transmitido pelo *Hope Channel* para toda a América do Norte, Europa, sudeste da Ásia e os países ao redor do Pacífico. Também está disponível na internet e em DVDs. Eu ficaria surpreso se vocês, aqui na América do Sul, com a TV Novo Tempo, dissessem que não podem fazer um seminário assim. Porém, sugiro que iniciem relacionamentos de longa duração, enviando aos pastores exemplares da revista *Ministério*; busquem oportunidades para encontro informal com líderes-chaves, convidando-os para um almoço ou jantar, por exemplo, a fim de construir pontes de confiança. Isso tende a crescer até que haja entendimento e aceitação.

**Ministério:** *De que maneira pode o pastor local ser envolvido em um trabalho dessa natureza?*

**Kent:** O pastor distrital pode fazer muito. Há pouco tempo, participei de um Seminário de Crescimento Profissional, nas Filipinas, juntamente com professores de nosso Seminário Teológico naquele país. Apresentamos temas que não despertassem preconceitos, mas que interessavam aos pastores de outras denominações. Por exemplo, liderança cristã, saúde do pastor, pregação bíblica, entre outros. Escolhemos um local neutro, oferecemos refeição especial, e a resposta foi muito calorosa. Um dos nossos pastores locais entrou em contato com vários colegas de outras denominações, almoçou com cada um deles e os convidou para o seminário. Todos eles estiveram presentes. Não devemos ser imediatistas quanto aos resultados finais desse trabalho, pois algumas pessoas demoram mais para reagir e tomar alguma decisão.

**Ministério:** *Com respeito à Educação Contínua, alguns pastores acham difícil desenvolver um programa dessa natureza, dizendo-se sobrecarregados. Qual seu conselho a respeito disso?*

**Kent:** Essa é uma reclamação legítima dos pastores. Normalmente, as expectativas colocadas sobre eles são muito grandes. Mas, o bom pastor repõe essas expectativas em sua devida ordem de prioridade e vai conseguir tempo que deve ser investido em seu crescimento vocacional. Isso não significa necessariamente um curso formal em busca de algum título, mas que ele deve crescer cada vez mais, a fim de ser melhor servo de Jesus e Sua causa.

**Ministério:** *A seu ver, quais são os maiores desafios do trabalho pastoral?*

**Kent:** Não tenho dúvidas quanto à veracidade das palavras de Jesus, no sentido de que a seara é grande, mas os ceifeiros são poucos. A carga que é posta sobre cada pastor, individualmente, é muito grande. Eu acho que um dos maiores desafios do pastor é a sobrecarga com seu decorrente sentimento de que a tarefa nunca termina. Sempre existe alguma coisa para ser feita, o trabalho está sempre inacabado. Outra coisa: ainda existe muito individualismo, as pessoas que vivem fechadas em si mesmas. Isso é um desafio crescente. Como alcançar essas pessoas? Elas têm necessidade de Cristo e precisam ser alcançadas. Precisamos criar formas de alcançá-las. Esse é o grande desafio evangelístico das metrópoles.

**Ministério:** *Estatísticas mundiais apontam que muitos pastores estão abandonando o trabalho. Isso também afeta o ministério adventista?*

**Kent:** Infelizmente, sim. Pastores adventistas não estão imunes às influências e ameaças que atingem todas as pessoas. Quando você ouve sobre dificuldades e preocupações que pastores de outras denomina-

ções estão enfrentando, normalmente, há uma incrível semelhança com os desafios que enfrentamos também. Podemos até ser tentados a pensar que somos únicos, mas, enfrentamos os mesmos desafios. Quando eu pastoreava igrejas, sempre buscava oportunidades para me aproximar dos colegas de outras denominações. Então, nos ajudávamos e fortalecíamos uns aos outros em momentos de dificuldades. Essa foi uma experiência surpreendentemente abençoada.

**Ministério:** *Talvez, algumas regiões ofereçam mais facilidade para essa aproximação. Mas, em outras, há muita hostilidade em relação aos pastores adventistas, às vezes, vistos como "lobos" em busca de ovelhas alheias.*

**Kent:** Em todo o mundo é assim. Porém, especialistas em crescimento de igreja afirmam que, se a ovelha for bem alimentada, não procurará outras pastagens. As pessoas vêm para a igreja adventista porque estão em busca de alimento mais sólido na Palavra de Deus. Caso não recebam o alimento completo que procuram, elas virão independentemente de nos aproximarmos ou não de seus pastores. Há pouco tempo, falei com um pastor evangélico na Irlanda. Sua igreja está crescendo e, como sabemos, aquele é um país muito católico. Então, perguntei a ele: Como é que a igreja católica trata você, visto que a maioria dos membros de sua igreja é composta de ex-católicos? Ele me respondeu: "Estamos conquistando aquelas pessoas que simplesmente procuram algo mais." Isso é verdade em todos os casos.

**Ministério:** *Tendo em mente as exigências cada vez maiores do mundo atual, que conselhos o senhor tem para o pastorado adventista?*

**Kent:** Temos que reconhecer que nossos pastores são importantes e valiosos. Eles mesmos precisam ter consciência disso. Muitas pessoas

dependem deles e os observam. Por isso, como pastores, não devemos apenas começar e exercer bem nosso ministério, mas terminar bem. Isso não significa limitar o exercício da vocação até a aposentadoria, mas até exalarmos o último suspiro. Lamentavelmente, muitos pastores estão se afogando em águas rasas. Uma pesquisa com pastores de todas as denominações, feita por Arch Hart, do Seminário Teológico Fuller, na Califórnia, revelou que, entre quatro pastores, apenas um termina bem seu ministério. Ou seja, ¼ dos pastores não estão terminando bem. Pastores podem se sentir vítimas de maus-tratos, cometer erros, deixar de olhar a Cristo e focalizar dinheiro,

*"O bom pastor deve crescer cada vez mais, a fim de ser melhor servo de Jesus e Sua causa"*

poder e questões sexuais. Essas são as águas rasas que podem nos tragar. Porém, Jesus Cristo, Sua igreja e Seu povo desejam e esperam que terminemos bem. Precisamos ter Jesus Cristo como centro de nossa vida. Precisamos gastar tempo diário com a Palavra, construir relacionamento sadio e sólido com Deus e com o rebanho. Paulo foi obcecado pela ideia de terminar bem. Ele fala de terminar a carreira com alegria, combater o bom combate. Ao terminar bem nosso ministério, mesmo que sejamos chamados ao descanso da morte, deixamos um legado permanente, como Daniel, Estevão, e Eliseu, cujos ossos foram instrumentos para ressuscitar um morto. Numa jornada, a coisa mais importante é chegar seguros ao destino. O ministério é uma jornada. Precisamos chegar bem ao nosso destino. ❧



# Livro aberto

*Pelo fato de se encontrar sempre "na vitrine", a esposa do pastor deve ter uma vida devota e de oração*

**Q**uando aquela professora foi escolhida para ser a princesa da Inglaterra, o mundo todo deu sua opinião. Para muitos jornais e revistas, o príncipe Charles não devia se casar com uma plebeia. Outros observadores a viam como uma garota simples, demasiadamente comum em termos profissionais, para fazer parte da realeza. Mas, também houve aqueles que aplaudiram a escolha.

Ao ser fotografada numa praia, vestindo biquíni apesar do avançado estado de gravidez, a princesa Diana recebeu severas críticas dos mais conservadores jornalistas. Mais tarde, ao se tornar patente o fato de que era traída pelo príncipe, novamente o mundo se posicionou; uns, contra ela; outros, a favor. Revelando-se ativa em campanhas e projetos humanitários, foi aplaudida por muitos de seus críticos.

Depois, veio a fase em que recebeu elogios e críticas diante de sua resistência ao rígido protocolo da realeza britânica, sua determinação em dar atenção aos filhos, e a tristeza que aparentemente ostentava e que levou críticos a desconfiarem de que sofria alguma doença psicossomática. Finalmente, o suposto envolvimento emocional com serviçais fez com que passasse a ser vista, ora como vítima, ora como manipuladora.

## **Perigosa exposição**

Independentemente de qualquer julgamento sobre os atos da princesa, as diferentes reações a eles nos levam a indagar: Quem pode agradar a todas as pessoas? Afinal,

ter cada uma de suas ações julgada por indivíduos de opiniões diferentes é uma situação muito delicada. Nós, esposas de pastores, sabemos muito bem disso. Uma das principais queixas da esposa de pastor é o fato de viver sempre “em um aquário”, estar sempre “na vitrine”; consequentemente, estar sempre sendo julgada.

Ter a vida “como um livro aberto”, escrito e lido por todos, pode ser uma experiência desconcertante, especialmente quando percebemos as implicações decorrentes. Apesar disso, muitas esposas se expõem desnecessariamente ao juízo e julgamento de terceiros, através de *blogs, sites e multipliy*. É fato que muita gente perde horas na internet procurando inteirar-se da vida alheia, esquecendo-se de que também está sendo vista e julgada por amigos, inimigos, pessoas honestas e pessoas inescrupulosas.

Existem aquelas que expressam pensamentos íntimos demais para ser compartilhados com pessoas desconhecidas, e que podem ajuizá-las incorreta ou injustamente, já que julgam apenas pelo que veem, ouvem ou leem. E, muitas vezes, veem somente o que é negativo, ouvem apenas o que lhes interessa e leem muito mal, sem conseguir perceber a realidade completa.

Outro perigo real são os *chats* (bate-papo virtual), que têm levado muitas esposas ao envolvimento emocional com outra pessoa, traindo a confiança do esposo. Há esposas que justificam a busca da atenção de outra pessoa, dizendo-se sentir solitárias e esquecidas pelo esposo. Porém, devem se lembrar de que Deus desaprova a infidelidade.

Tenho acompanhado a história de muitas mulheres que trocaram a estabilidade do seu casamento por uma aventura com algum desconhecido que foi descoberto através da internet. Tal escolha tem se demonstrado trágica, produzindo muitos motivos para lamentação. Além disso, não devemos nos esquecer de que somos responsáveis por todo o mal que causamos à igreja de Deus que é “a menina de Seus olhos”. Contudo, em momentos de insensatez, se buscarmos o auxílio de Deus, ainda podemos ser despertadas e resistir ao sentimentalismo cego.

### Tema para reflexão

As seguintes palavras de Ellen G. White nos levam a refletir:

“Vi as esposas dos pastores. Algumas delas não são de nenhum auxílio para os maridos, e todavia professam a terceira mensagem angélica. Pensam mais em atender a seus próprios desejos e prazeres do que à vontade de Deus, ou em como podem sustentar erguidas as mãos do esposo mediante suas fiéis orações e sua cuidadosa

maneira de viver. Vi que algumas delas tomam uma direção tão voluntariosa e egoísta, que Satanás as torna instrumentos seus, e trabalha por meio delas a fim de destruir a influência e utilidade dos maridos. Sentem-se na liberdade de queixar-se e murmurar caso sejam levadas a qualquer situação precária. Esquecem-se dos sofrimentos dos antigos cristãos por amor da verdade, e pensam que devem ter seus desejos satisfeitos e seguir a própria vontade. Esquecem o sofrimento de Jesus, seu Mestre. Desprezam o Homem de dores, experimentado nos trabalhos – Aquele que não tinha onde reclinar a cabeça. Não se importam de lembrar aquela santa fronte, ferida por uma coroa de espinhos. Esquecem-No a Ele que, levando Sua própria cruz ao Calvário, desfaleceu ao peso dela... Esquecem os cravos cruéis enterrados nas tenras mãos e pés, e Seu angustioso brado ao expirar: ‘Deus Meu, Deus Meu, por que Me desamparaste?’ (Mt 27:46; Mc 15:34). Depois de todo esse sofrimento suportado por elas, sentem forte indisposição de sofrer por amor de Cristo.

“Essas pessoas, vi, estão enganando a si mesmas. Não têm parte nem sorte na causa. Possuem a verdade mas a verdade não as possui” (*Testemunhos Seletos*, v. 1, p. 36).

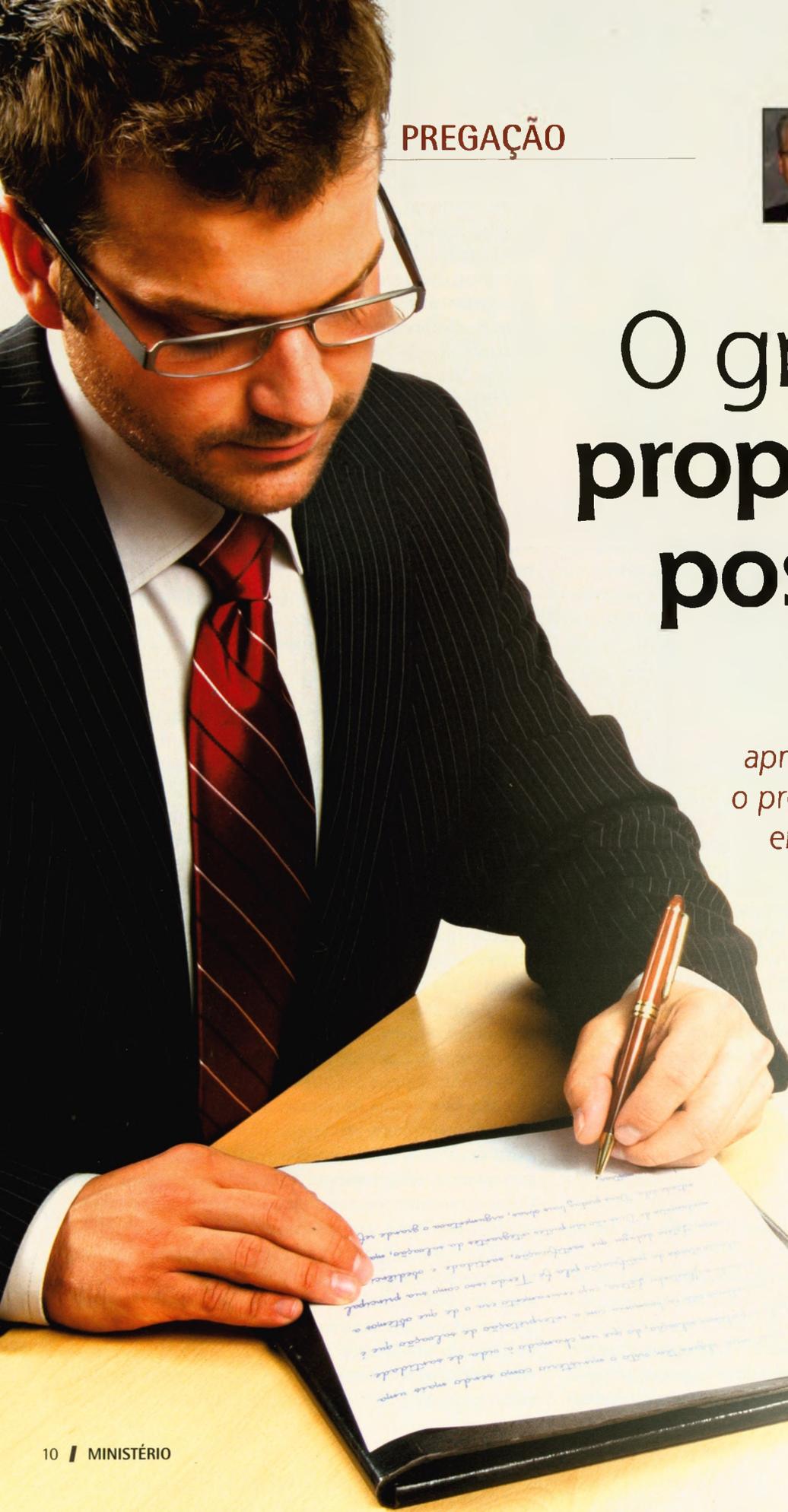
**“Ser esposa de pastor também é vocação dada por Deus”**

### Missão e recompensa

Querida companheira, lembre-se de que, antes do seu nascimento, Deus a escolheu para ser esposa de pastor. Ele a escolheu para amar, aconselhar, orientar, ensinar e ajudar pessoas enquanto caminha ao

lado delas para o reino celestial. No cumprimento de tão sagrada missão, você não pode se entregar a horas de lazer que não edifica e que pode comprometer sua imagem e destruir seu caráter.

“A esposa do pastor deve viver uma vida devota e de oração. Mas algumas gostariam de uma religião em que não há cruzes, e que não exige abnegação e esforço de sua parte. Em lugar de se manterem nobremente por si mesmas, repousando em Deus quanto a forças, e fazendo face a suas responsabilidades individuais, elas levam a maior parte do tempo dependendo de outros, deles derivando sua vida espiritual. Se tão-somente se apoiassem confiantemente, com confiança infantil, em Deus, e concentrassem em Jesus suas afeições, recebendo sua vida de Cristo, a videira viva, que soma de bem não poderiam elas realizar, que auxílio poderiam ser a outros, que apoio para seus maridos! E que recompensa não seria a sua afinal! Bem está, serva boa e fiel – havia de lhes soar qual música dulcíssima aos ouvidos. As palavras: ‘Entra no gozo do teu Senhor’ (Mt 25:21), lhes pagariam mil vezes todos os sofrimentos e provações suportados para salvar pessoas” (*Obreiros Evangélicos*, p. 202, 203). ❧



■ Loren Seibold

## PREGAÇÃO



Pastor em Worthington,  
Ohio, Estados Unidos

# O grande propósito positivo

*Ao preparar e apresentar o sermão, o pregador deve estar em sintonia com as necessidades dos ouvintes e buscar satisfazê-las*

**C**onversando ao telefone com uma amiga de nossa família, perguntei: “Você foi à igreja nesta manhã?”, ao que ela respondeu: “Sim, dificilmente perdemos um culto”.

“E qual foi o tema do sermão?”, continuei, e ouvi a resposta: “Alguma coisa do Apocalipse, a respeito dos três espíritos semelhantes a rãs”.

“Mas, o que foi dito sobre eles?”, perguntei novamente.

Ela hesitou, e disse em seguida: “Realmente, não tenho ideia. Alguma coisa histórica e erudita sobre o que o pastor pensava sobre eles, mas não teve significado para mim. Sai desanimada, porque raramente ouço do púlpito alguma coisa realmente importante para nós”.

Há duas questões aqui. A primeira pode ser o desinteresse em certos detalhes da profecia, especialmente se eles foram a parte principal do repertório da pregação do pastor. A segunda questão inclui falar redentivamente dos espíritos semelhantes a rãs de Apocalipse 16. Mas, finalmente, o que havia de errado naquele sermão? Talvez, falta do que costume chamar de o grande propósito positivo.

### Composição básica

Durante o tempo de estudantes, a estrutura do argumento estava entre as primeiras coisas que aprendemos ao fazer composições. Essa estrutura significa que a composição sempre é iniciada com uma implícita ou explícita declaração de tese – algo como: “É disto que pretendo convencer vocês” – seguida de três ou quatro pontos de apoio à tese e (se necessário) uma ou duas respostas a uma objeção, vindo depois a conclusão.

É mais ou menos isso que acontece com um sermão bem estruturado. A escada de pontos deve ser temática. Com esse método, raramente os pregadores falham em estabelecer pontos importantes, e seu material de apoio, tirado da Escritura, permanece inatacável. Muitos pregadores

negligenciam a declaração de tese, limitando-se a informar, sem que seus ouvintes entendam o que eles pretendem com sua mensagem.

A Escritura tem abundância de material para excitar o intelecto e nos dar oportunidade para sabermos quão inteligentes nós somos. Com isso, podemos despertar o interesse das pessoas, contudo, sem um grande propósito positivo, não as encorajaremos nem inspiraremos.

*“A pregação não começa no escritório, mas na conversa com as pessoas”*

Talvez fosse interessante perguntar àquele pastor: “Por que você escolheu falar sobre Apocalipse 16:13, 14?” Ele poderia dizer: “Porque estou pregando uma série específica de mensagens fundamentadas nesse livro, e esse foi o assunto da semana”. Ou: “Os irmãos necessitam saber os pontos difíceis do Apocalipse”, ou ainda: “Estudei um pouco mais sobre o tema e tenho informações importantes para transmitir”. Entretanto, nenhum desses argumentos diz como você espera ajudar os ouvintes, falando-lhes sobre o tema em questão. Isso porque o grande propósito positivo não é descoberto no texto nem no pregador, mas no povo.

### Objetivo do pregador

Ao contrário dos mestres em Seu tempo, Jesus foi considerado um orador que falava “com autoridade”. E isso não aconteceu simplesmente pelo fato de Ele ser bom exegeta; outros mestres também o eram, mas ofereciam pouca ajuda espiritual. A autoridade de Jesus era proveniente da compreensão prática que Ele tinha das necessidades reais dos Seus ouvintes, necessidades que se tornaram tão aparentes em Suas parábolas. Ele gastava tempo com o povo.

Ao preparar um sermão, eu mentalizo as preocupações de minha congregação: dinheiro, trabalho, família, conflitos, divórcios, filhos distantes, saúde, felicidade, pais e filhos problemáticos, temor, violência; bem, você conhece.

Por essa razão, estou convencido de que a pregação não começa no escritório, mas na conversa com as pessoas. Realmente, você não pode ser um bom pregador, a menos que seja, primeiramente, um bom ouvinte. A boa pregação inclui as maiores necessidades da vida das pessoas. Ancorada no passado, a boa pregação antecipa o futuro e sempre abrange a vida das pessoas no presente. Isso a torna um

*grande propósito.*

Somente um pregador insensato pregaria a respeito de um problema específico que alguém lhe tenha confiado. Porém, com a ajuda das Escrituras, o pregador deve falar, ainda que generalizadamente, à pessoa que acaba de descobrir ter um câncer, à que perdeu ou, eventualmente, esteja prestes a perder o emprego, bem como à que enfrenta um processo de divórcio – mesmo que o texto básico seja sobre os três espíritos semelhantes a rãs.

Porém, como? Creio que existem apenas duas áreas que qualificam o pregador a falar com autoridade. Posso extrair da Bíblia e dizer o que o povo deve fazer, ou posso lhe falar o que Deus tem feito e fará. Alguns de nós temos sido um pouco melhores no primeiro ponto. Comportamento é importante para nós; supondo que os ouvintes não estão agindo bem, porque não sabem o que fazer, repetimos isso muitas vezes.

Porém, a maioria das pessoas sabe o que é certo ou errado, mas não tem habilidade ou vontade para agir conforme esse conhecimento. Por isso, acredito que é mais importante pregar sobre o que Deus provê: força para viver, resposta a orações, perdão e vida eterna. Até o que Deus

quer que façamos, e que deve ser abordado, é incentivado por Seus atos. Deus quer que renunciemos ao pecado e, através de Cristo, pode nos ajudar a fazê-lo. Por isso, a pregação é um propósito positivo: não apenas repreende e ameaça, mas anima.

*"Ancorada no passado,  
a boa pregação antecipa  
o futuro e abrange  
a vida presente"*

### Como fazer

Falando em termos práticos, quais os passos que devem ser dados na construção de um sermão com tais características? Você tem um texto e, ao estudá-lo, considera as necessidades dos ouvintes. Para encontrar o grande propósito, você se pergunta como o texto pode satisfazê-las. Você o transforma em um propósito positivo, ao lhes dizer o que Deus já providenciou e como podem ter acesso à fonte dos recursos divinos, prontos para utilização.

Muitas vezes, o grande propósito positivo será uma formulação de esperança, como por exemplo: "Não precisamos desesperar. Deus é bom e podemos confiar nEle. Não é desatento nem petulante conosco. Ele cuidou dos nossos ancestrais, e também cuidará de nós, nesta semana e eternamente".

Nem todo texto provê claramente tal propósito esperançoso. Se você estiver pregando sobre um livro ou determinado conjunto de passagens, poderá não ser livre para escolher o que possui esse propósito. Se o texto não contém uma mensagem de esperança dentro dele, então você necessita supri-la a partir de outro lugar da Bíblia. Nenhum sermão deve carecer de um grande propósito positivo.

Voltemos aos três espíritos semelhantes a rãs. No contexto da passagem, eles representam manifestações demoníacas que atrairão

peças, através de impressionantes manifestações de poder. Embora, em sua aplicação profética, elas ainda não tenham aparecido, podemos explicar o que acontecerá quando isso se tornar realidade. Porém, se ficarmos até aí, as pessoas voltarão desnutridas para casa. Os eventos escatológicos não se acham tão perto do coração delas, como os eventos da semana, e elas não encontrarão muito conforto na antecipação do fim dos tempos, a menos que lhes asseguremos que, agora, Deus está operando em seu favor. Os eventos proféticos inevitavelmente ocorrerão. Mas, não vamos deixar a impressão de que o gasto de muita energia espiritual especulando sobre eles justifica uma vida espiritual esfarrapada no presente.

Nesse ponto do meu estudo, capto meu grande propósito positivo. Acaso, não existem manifestações demoníacas em nossa vida? Virtualmente, todo mal que nos assalta resulta da influência satânica. Câncer, insegurança no trabalho, divórcio, tudo pode ser urdido por Satanás. Grande demonstração de poder demoníaco? Seguramente, isso descreve o mecanismo de guerras que podem matar, e têm matado, milhões de pessoas em uma explosão, sem mencionar furacões e terremotos.

Os três espíritos também são enganadores; pois o ingênuo não os considera maus, pelo fato de parecerem tão poderosos. Então, lembramos às pessoas que impressionantes manifestações apenas, mesmo que sejam milagres, não significam piedade. Depois de tudo, Jesus veio à Terra sem fanfarras, sem beleza, sendo desprezado e rejeitado (Is 53:2, 3). Deus Se revela contrário a esses três espíritos, assim como é contrário a Satanás. E, mais importante, Ele também é contrário ao pecado e às tragédias que nos atingem, neste momento. Posso encontrar inúmeros textos para apoiar esse pensamento.

Assim, este é o grande propósito positivo encontrado: Deus é mais poderoso que o mal. Sob Seu cuidado, não precisamos ser enganados nem derrotados.

### O teste

Todo o sermão tem que ser permeado com o grande propósito positivo. A velha máxima da comunicação: "Diga-lhes o que você vai dizer, diga-lhes o que disse que ia dizer, então, lhes diga o que você disse" é absolutamente exata no que tange ao grande propósito positivo. Ele deve ser implícita ou explicitamente comunicado nos primeiros cinco minutos do sermão e durante sua apresentação.

O grande propósito positivo testa a coerência do sermão. Durante o preparo da mensagem, repita-o do início ao fim de cada ponto principal e observe se ele faz sentido. Diga a si mesmo: "Por causa desse ponto que tenho articulado, compreendo claramente que Deus é mais poderoso que Satanás. Ele provou isso no passado, provará no futuro e, melhor de tudo, prova-o em nossa vida atual".

Tudo isso parece um pouco artificial, mas funciona. Ser capaz de encontrar e claramente estabelecer o grande propósito positivo não é a única habilidade que um pregador deve ter, mas, acredito que é a principal. Boas ilustrações, clareza de expressões, contato visual e linguagem corporal têm seu lugar. Mas, sem um grande propósito positivo, os ouvintes voltarão para casa se perguntando sobre o que você pregou.

Se você for medíocre em outras habilidades homiléticas, mas aprender a estabelecer um claro propósito que inclua os conceitos de estilo de vida (grande propósito) e afirmação (positivo propósito), e repetir isso bastante, de modo que ninguém se sinta vazio, desanimado, espiritualmente desnutrido e sem perspectiva, você fará com que o povo se sinta recompensado por ter ido à igreja. ▀



# Perfil de um líder

## Considerações de Paulo a respeito de liderança cristã

A epístola a Filemom é da autoria de Paulo, um dos maiores líderes da igreja cristã. Depois de Cristo, ele é o maior personagem do Novo Testamento. Escreveu 14 epístolas (se entre elas incluímos o livro aos hebreus) e transformou a “Seita dos Nazarenos” (At 24:5) ou do “Caminho” (At 24:14) na igreja cristã (At 11:26), tornando essa seita judaica em uma igreja mundial. Era poliglota, doutor em Teologia, e ex-fariseu. Possuía vasta cultura judaica e greja.

Em sua carta a Filemom, escrita em uma prisão, ele nos ensina preciosas lições de liderança e de como deve ser o trato entre líderes, liderados, colegas e companheiros de jornada.

De acordo com essa epístola, estas são as características do bom líder:

♦ **Elogia com sinceridade:** Paulo diz que Filemom é “amado” e “colaborador” (v 1); que Arquipo é um “companheiro de lutas” (v 2); e volta a elogiar Filemom por sua fé e amor: “... estando ciente do teu amor e da fé que tens” (v 5).

♦ **Reconhece o esforço dos outros:** O bom líder dá crédito a quem de direito. Paulo reconheceu o bom trabalho de Filemom junto à igreja sob seus cuidados: “... o coração dos santos tem sido reanimado por teu intermédio” (v 7).

♦ **Pede, em vez de ordenar:** Diz o apóstolo: “... ainda que eu sinta plena liberdade [direito]... para te ordenar..., prefiro... solicitar” (v 8-10).

♦ **Reconhece as próprias limitações:** “... sendo o que sou, Paulo, o velho e, agora, até prisioneiro” (v 9).

♦ **Espera o melhor dos outros:** “Ele, antes, te foi inútil; atualmente, porém é útil [significado do nome Onésimo]” (v 11). “Certo, como estou, da tua obediência..., sabendo que farás mais do que estou pedindo” (v 21); “... ele veio a ser afastado de ti temporariamente, a fim de que o recebas para sempre” (v 15).

♦ **Coloca-se no lugar do outro:** “Eu to envio de volta em pessoa, quero dizer, o meu próprio coração” (v 12); “... recebe-o, como se fosse a mim mesmo” (v 17). “E, se algum dano te fez ou se te deve alguma coisa, lança tudo em minha conta. ... Eu pagarei!” (v 18, 19).

♦ **Comporta-se ética e lealmente:** “Eu queria conservá-lo comigo... para... me servir...; nada, porém, quis fazer sem o teu consentimento” (v 13, 14).

♦ **Esquece erros do passado:** “... não como escravo; antes, ... como irmão caríssimo... de mim,... e de ti” (v 16).

♦ **É serviçal:** “Se... me consideras companheiro, recebe-o...” (v 17). Paulo se coloca no nível de “companheiro” de Filemom, pronto a ajudar Onésimo e receber ajuda de Filemom.

♦ **É otimista:** “... prepara-me... pousada, pois espero que, por vossas orações, vos serei restituído” (v 22). Apesar de preso, Paulo era otimista quanto à sua absolvição e soltura.

As características de liderança de Paulo são dignas de imitação, e necessárias ao sucesso de qualquer líder, em qualquer área. Que Deus nos ajude a desenvolvê-las. ■



Capelão do Colégio Adventista de Joinville, Associação Catarinense

# Verdade em caridade

*Os argumentos da nova encíclica papal confirmam nossa crença de que o fim está próximo*

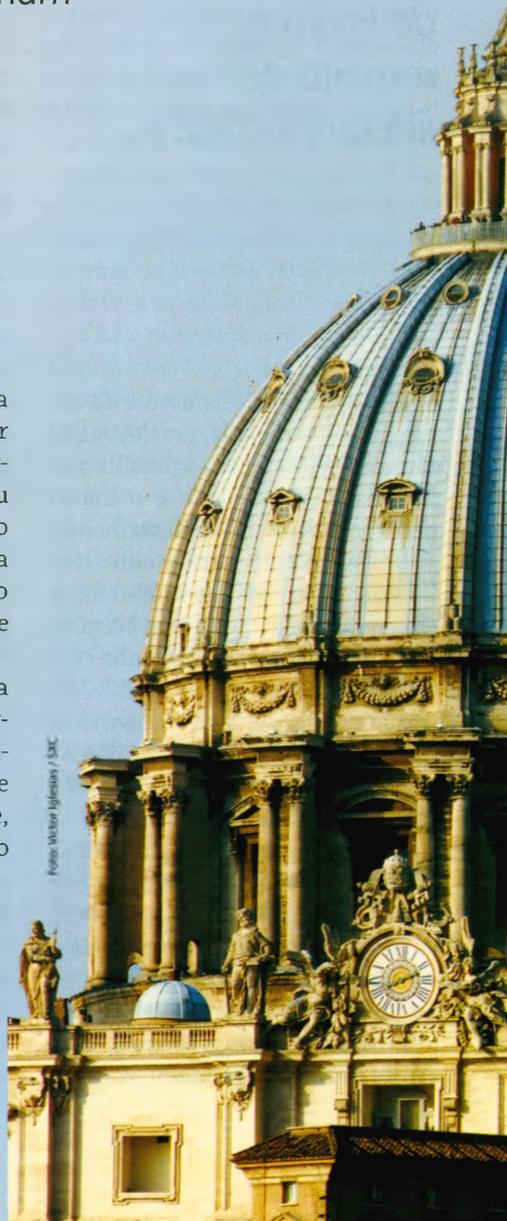
No dia 29 de junho deste ano, Bento XVI entregou sua terceira encíclica, veiculada apenas no 7 de julho. *Caritas in Veritate*,<sup>1</sup> a nova carta apostólica, homenageia a *Populorum progressio*, encíclica de autoria de Paulo VI (1967). Em ambas, o tema predominante é a responsabilidade social da igreja, a qual se apoia em uma doutrina peculiar.

“Mas, seguindo a verdade em amor, cresceremos em tudo em direção Àquele que é a Cabeça, Cristo” (Ef 4:15, BJ). Esse é o verso-chave para a encíclica. Desde o início, já se promove o desenvolvimento integral da humanidade, tendo como base o amor, “força extraordinária”, que o papa diz impelir “as pessoas a comprometerem-se, com coragem e generosidade, no campo da justiça e da paz”. A caridade é de tal maneira identificada com a própria vida cris-

tã que aparece como o “rosto de Sua Pessoa [de Cristo]”. Bento dá maior relevo ao tema: “A caridade na verdade, que Jesus Cristo testemunhou com a Sua vida terrena e sobretudo com a Sua morte e ressurreição, é a força propulsora para o verdadeiro desenvolvimento de cada pessoa e da humanidade inteira”.

Diante dos efeitos gerados pela pós-modernidade, para a qual a verdade é utilitária e definida por parâmetros socioculturais, Bento dirige suas críticas ao pensamento vigente, clamando por adesão aos valores do cristianismo, os quais devem se revelar nas esferas privada e pública, a fim de que haja “verdadeira e propriamente lugar para Deus no mundo”. Convoca todos os homens a que sejam “sujeitos de caridade”.

Foto: Victor Almeida / DDC



Na encíclica, há um veemente apelo por reforma econômica, em vista do agravamento da crise mundial. Dois critérios lembrados por Bento fundamentam sua ética socioeconômica: a justiça e o bem comum. Por essas vias, ele traça a rota para uma globalização que assuma “as dimensões da família humana inteira”, numa união de todos; assim, a cidade do homem estará mais próxima da cidade de Deus, onde a união será completa.

### Faces da caridade

No primeiro capítulo da encíclica, o papa retoma as homenagens à *Popolorum progressio*, da qual destaca o ensinamento sobre a atuação da igreja na sociedade, como promotora da “fraternidade universal quando pode usufruir de um regime de liberdade”. Ironicamente, as Escrituras nos lembram da perseguição ocorrida durante a Idade Média, na qual a igreja de Roma lutou contra os santos (Dn 7:25; Ap 17:5, 6). Certamente, as atividades desse período constituíram empecilhos à paz, iguais àqueles censurados pela atual encíclica.

Bento XVI diz que a perspectiva voltada à eternidade é indispensável para o desenvolvimento integral do homem. Contudo, na encíclica anterior, a *Spe Salvi* (2007), a eternidade era confusamente definida como “algo parecido com o instante repleto de satisfação, em que a totalidade nos abraça e nós abraçamos a totalidade”.

Embora a vida eterna, quando bem compreendida, ofereça inúmeros benefícios ao desenvolvimento cabal do indivíduo, ficam sérias dúvidas de que apenas “um instante repleto de satisfação” restaure o homem à condição de perfeição edênica; requer que se adote o Éden como parâmetro, uma vez que ali o homem era integral, isento da morte. Se o problema da morte não for resolvido, será impossível que o homem volte a desfrutar de algo semelhante a um “desenvolvimento integral” no campo da metafísica. E, de uma perspectiva humanística, uma proposta

espiritual que desconsidere esse ponto não terá muita diferença.

Há outro aspecto da encíclica que conflita com a visão católica: Reportando-se à confiança no poder das instituições, o papa argumenta que, em tais casos, “o desenvolvimento ou é negado ou acaba confiado unicamente às mãos do homem, que cai na presunção da autossalvação e acaba por fomentar um desenvolvimento desumanizado”. Porém, aqui cabe uma pergunta: Na época de Gregório VII, um dos papas politicamente mais influentes do Ocidente, a sociedade fomentava um “desenvolvimento mais humanizado”? Entendendo que Bento leva em conta a excessiva confiança humana, a qual credita a salvação ao esforço próprio, questionamos: O catolicismo não produz algo semelhante? As indulgências, peregrinações e a disciplina religiosa não são obras meritórias que conduzem a uma autossalvação? Essa contradição interna lança descrédito à proposta de desenvolvimento com base na “vocação transcendente de Deus Pai”, da forma retratada na encíclica.

No capítulo seguinte, discorre-se com mais detalhes sobre a crise econômica. Em vista da realidade de um mundo globalizado, com um “quadro de desenvolvimento policêntrico”, a solução para a crise só pode ser integrada, partindo de “uma nova síntese humanista”. Primeiramente, deve-se “preservar e valorizar” o capital humano, rechaçado pela competitividade industrial; os direitos dos trabalhadores têm que ser reavaliados.

Mais uma vez é combatido o relativismo que atrapalharia o “verdadeiro diálogo cultural”. Além disso, o relativismo elimina a possibilidade de transcendência na experiência humana. E, acertadamente, a crítica do papa atinge o cerne do dilema do homem pós-moderno. Se não há transcendência, o homem não possui nenhuma certeza quanto à validade de suas ações. Somente Deus, absoluto e transcendente, serve de

parâmetro para as ações e saberes da humanidade. Daí, o relativismo pós-moderno só pode levar a uma incerteza existencial e epistemológica.

O papa se engaja com a causa antiaborto, rejeitando a mentalidade antinatalista, a prática da eutanásia, e promovendo a liberdade religiosa. As causas enumeradas são genuinamente cristãs e sua base histórica se acha veiculada com a crença em uma criação divina. Ratzinger reconhece que “o homem não é um átomo perdido num universo casual, mas é uma criatura de Deus, à qual quis dar uma alma imortal e que desde sempre amou”. Como evolucionista teísta que é, o papa admite ter Deus dirigido a evolução e que, em algum momento, dotou a criatura surgida de formas inferiores de uma alma imortal. Tal conceito distorce a narrativa bíblica do Gênesis.

Remetendo ao dom da verdade sobre nós, o terceiro capítulo apresenta a impossibilidade de se “identificar a felicidade e a salvação com formas imanentes de bem-estar material e de ação social”, sendo a identidade humana “primariamente ‘dada’, ‘recebida’”. “Na sua sabedoria, a Igreja sempre propôs que se tivesse em conta o pecado original mesmo na interpretação dos fenômenos sociais e na construção da sociedade.” Em outro lugar, o pontífice já declarou que a origem do mal é um fato que “permanece obscuro”; quanto ao episódio de Gênesis, “podemos adivinhar [a origem do mal], não explicar; nem sequer podemos narrá-lo como um fato junto a outro.”

Nesse ponto, reaparece a compreensão equivocada sobre as origens, a qual afeta o entendimento sobre o surgimento do pecado: primeiro, o dogma do pecado original, que contraria a culpa individual (Ez 18:20). Pecado original existe, mas não no sentido de culpa por procuração ou mesmo culpa hereditária. A Bíblia nos fala de um ato histórico cometido por um Adão histórico, a partir do qual a humanidade herdou a condição corrompida (Rm 5:12), a

infecção do *curvato em se*, no dizer de Lutero. Segundo, nota-se o descrédito com a narrativa bíblica, sendo que ela sequer merece ser considerada histórica. Com o obstáculo formado por esses dois fatores, torna-se impossível entender a doutrina bíblica do pecado.

**“Papa sugere o estabelecimento de uma autoridade mundial orientada para a consecução do bem comum”**

O capítulo termina louvando o dom do trabalho e retomando considerações sobre a necessidade de desenvolver o princípio de caridade em verdade no campo econômico: “Não devemos ser vítimas dela [globalização], mas protagonistas, atuando com razoabilidade, guiados pela caridade e a verdade”.

### **Preocupações sociais e ecológicas**

Sob o título “Desenvolvimento dos povos, direitos e deveres, ambiente”, o quarto capítulo avalia a mentalidade ocidental hedonista e procura restaurar o conceito de matrimônio. Segundo o papa, “torna-se uma necessidade social, e mesmo econômica, continuar a propor às novas gerações a beleza da família e do matrimônio, a correspondência de tais instituições às exigências mais profundas do coração e da dignidade da pessoa”.

O desenvolvimento econômico também recebe atenção, na proposta de uma economia mais humana, na qual a ética deixe de ser mero adjetivo, para se tornar real e atrelada ao homem, feito à imagem de Deus.

A seguir, Bento trata das preocupações ambientais, enfatizando uma aceção mais adequada do mundo físico como obra divina que revela algo de Seu autor (Rm 1:20). O que alguns cristãos do segmento reformado chamam de “mandato cultural” aparece na carta: a obrigação dada

a Adão de zelar pela criação, a qual se impõe a nós, orientando a interação entre homem e natureza (Gn 2:15). Vale lembrar que justamente tal percepção impede que o homem chegue a “considerar a natureza um tabu intocável ou, ao contrário, por abusar dela”. Por um lado, evita-se que a natureza seja posta acima do homem; por outro, que se objetive a “completa tecnização”.

Em suma, preservar a natureza ganha *status* de problema moral da sociedade. Bento, de fato, tem levado isso a sério, levantando a bandeira ecológica, a ponto de o Vaticano participar, neste ano, de iniciativas como “A hora da Terra”. Parece-nos que o senso de oportunismo motiva os recentes pronunciamentos papais sobre o assunto; afinal, a causa atrai grande número de pessoas, o que dá ao Vaticano a oportunidade de prover uma liderança espiritual do movimento que rompe fronteiras no século 21.

No quinto e mais importante capítulo da encíclica *Caritas in Veritate*, o papa menciona a alienação de indivíduos e povos, ou seja, refere-se à própria dificuldade de amar. A superação disso passa pela adoção de uma visão metafísica do relacionamento com as pessoas. Longe de baixar a guarda ao relativismo, Bento enfoca um relacionamento genuíno, que “encontra um decisivo esclarecimento na relação entre as Pessoas da Trindade na única Substância divina”, remetendo-nos ao texto de João 17:22.

Deve haver diálogo e troca de pensamento entre crentes e não crentes, incentivados pela ação eficaz da “caridade na sociedade”, a qual surge do colóquio entre fé e razão. A encíclica admite cooperação entre povos diferentes como forma de nortear a globalização. A cooperação deve ocorrer em níveis econômicos e culturais, sem abrir mão das bases cristãs, na luta contra o relativismo.

No ponto alto do documento, o papa Bento XVI afirma que os efeitos

da crise econômica mundial requerem “a presença de uma verdadeira Autoridade política mundial”, a qual “deverá regular-se pelo direito, ater-se coerentemente aos princípios de subsidiariedade e solidariedade, estar orientada para a consecução do bem comum, comprometer-se na realização de um autêntico desenvolvimento humano integral inspirado nos valores da caridade na verdade”. E assinala que essa autoridade precisaria contar com um reconhecimento universal.

Que outra autoridade seria esta, senão a própria Igreja Católica, que, inclusive, já ofereceu aos Estados Unidos seus serviços de “Autoridade moral”?

Finalmente, no último capítulo, são feitas novas ponderações sobre a globalização e há comentários relacionados a questões de bioética. A visão naturalista do homem é criticada, à luz do pressuposto de uma alma imortal, o que contraria claramente o ensino bíblico (Gn 2:7; Sl 115:17; Ec 9:5, 6, 10; Hb 9:27). Outro contrassenso aparece na evocação de Maria e das expressões de louvor a ela associadas.

À luz disso tudo, reafirmamos que os adventistas concordam que “verdade em amor” faz falta ao mundo. Os cristãos têm um vasto campo de atuação social, que precisa ser retomado. Entretanto, questionamos a falta de base bíblica e distorções escriturísticas cometidas para apoiar algumas alegações do papa. Sobre tudo, percebemos um sentimento reinante de autopromoção de uma espiritualidade politizada, que se eleva como autoridade mundial, nos moldes do que já foi observado no Ocidente, durante a Idade Média. Mais do que nunca, o estudante das profecias pode reconhecer que “o tempo está próximo”. ■

### **Referências:**

<sup>1</sup> Bento XVI, *Caritas in Veritate*, disponível em: <http://senit.org/article-22072?l=portuguese>.

<sup>2</sup> Ver Douglas Reis, *Auxílio lista: serviço de autoridade moral*, disponível em: <http://questaodeconfianca.blogspot.com/2008/04/auxilio-lista-servicos-de-autoridade.html>.



Professor de Teologia e Filosofia na Universidade Andrews, Estados Unidos

# Salvação por inteiro

*Proclamação de fé sem o correspondente chamado à santidade é algo absolutamente estranho ao adventismo*

**N**os últimos tempos, alguns têm visto o ministério como sendo mais uma tarefa de proclamar salvação, do que um chamado à vida de santidade. Essa tendência está em harmonia com a interpretação de salvação que é atribuída a Martinho Lutero, cujo ensinamento era o de que obtemos a salvação através da justificação pela fé. Tendo isso como sua principal crença, Lutero deduziu que santificação, santidade e obediência aos

mandamentos de Deus não são partes integrantes da salvação, mas o resultado dela. Deus produz boas obras, argumentava o grande reformador, para mostrar aos descrentes a salvação espiritual já experimentada pelo indivíduo justificado.<sup>1</sup>

Uma consequência prática dessa interpretação da salvação como justificação pela fé resulta em ritualismo. Um exemplo de ritualismo é a suposição de que Deus garante e assegura

a salvação no momento do batismo. Rituais conferem salvação e o poder de Deus aos participantes deles.

Esse cenário reduz a tarefa do ministério apenas à proclamação, com esta sendo uma declaração pública sobre um assunto de assombrosa importância. Consequentemente, o ministério é proclamar o evangelho (pregação de boas-novas) e não necessita envolver o estudo da Bíblia

ou posterior compreensão da verdade por parte do ouvinte. Em tal proclamação, os pastores convidam descrentes para que aceitem a salvação possibilitada por Deus na cruz. De acordo com esse modelo de ministério, através da obra do Espírito Santo, a proclamação produz instantânea e permanente salvação naqueles que a aceitam pela fé.

Essa falta de ênfase na compreensão bíblica da verdadeira salvação e a consequente virada para a salvação em um instante, apenas pelo assentimento a uma proclamação, tem permeado o evangelismo e o pastorado nas últimas duas décadas. Consequentemente, mesmo em eventos de proclamação, aonde as pessoas vão para ouvir o evangelho, pregadores tendem a adotar uma abordagem orientada para o cliente, a fim de atrair mais pessoas de todas as culturas. O problema é que não hesitam em usar rituais de gosto secular, novidades teatrais (estilo de música, por exemplo), de modo que consigam grande audiência para que a proclamação aconteça e a salvação instantânea seja administrada.

Pastores que pensam, agem e ministram em tal atmosfera podem ter a satisfação de ver centenas de pessoas levantando as mãos numa resposta emocional de aceitação à salvação. Entretanto, não acredito que tais respondentes compreendam ou experimentem o ingrediente básico do conceito adventista de salvação, ou seja, que ela é uma experiência de fé que leva à obediência. A eventual negligência ou minimização dessa característica adventista, por aqueles que pensam que a tarefa de ministrar e evangelizar reside apenas na proclamação, resulta em descartar o chamado à obediência. Contudo, proclamação de fé sem esse chamado é algo absolutamente estranho à essência do adventismo.

### **Santidade e salvação**

A visão de que o evangelho provê salvação sem qualquer referência à santidade, ou santificação, não faz

justiça nem ao princípio *Sola Scriptura* nem ao princípio *Tota Scriptura*. Como é possível que teólogos e pastores creiam em doutrinas baseadas em poucas passagens bíblicas, enquanto desconsideram os ensinamentos da Escritura como um todo? A declaração de Paulo estabelece enfaticamente: “Segui a paz com todos e a santificação, sem a qual ninguém verá o Senhor” (Hb 12:14). O apóstolo exorta os cristãos a se comprometerem com a busca da santidade. Por quê? A razão é clara: “Porque escrito está: Sede santos, por que Eu [Deus] sou santo” (1Pe 1:16). A salvação, como experiência de renunciar à velha maneira de viver e aos antigos caminhos de pecado, resulta em uma vida de santificação. A essa experiência, Paulo se referiu, ao escrever aos efésios: “e vos revisitais do novo homem, criado segundo Deus, em justiça e retidão procedentes da verdade” (Ef 4:24).

Algumas pessoas podem argumentar que a justificação já faz tudo isso e nós recebemos a santificação juntamente com ela. Porém, o argumento do apóstolo em Hebreus 12:14 contradiz esse raciocínio em pelo menos duas maneiras. Primeira, a passagem não diz que a atitude de viver pacificamente com todas as pessoas e a experiência de santidade são alguma coisa concedida no momento da justificação, mas que resultam de uma ação conscienciosa dos crentes: “Segui...”, diz o apóstolo. Essas atitudes são resultado de atos históricos (atos de obediência). O contexto precedente apela aos seguidores de Cristo no sentido de que lutem contra o pecado, resistindo-o de todas as formas possíveis (Hb 12:2-4). Amparados pela graça de Cristo e justificados com base nela, os cristãos deveriam buscar e obter não apenas santificação legal, mas real, através do processo histórico de lutar contra o pecado.

Em segundo lugar, a experiência cristã de santidade resulta em boas obras praticadas pelos crentes, evidentemente capacitados pelo Espírito

Santo; mas essas não são obras determinadas por Deus em favor deles. A posição de alguns, no sentido de que Deus nos escolhe para ser santos, anulando nossa vontade com a Sua vontade onipotente (predestinação), e nos torna santos dominando nosso limitado poder com Sua onipotência (providência), contradiz o significado de Hebreus 12:14.

Consequentemente, de acordo com as Escrituras, a salvação requer e inclui duas experiências diferentes, embora complementares: justificação e santificação.

### **O que é santidade**

Não é possível encontrar uma definição explícita dos termos *santo* e *santidade*. Entretanto, o papel que eles desempenham na teologia cristã é muito importante para deixá-los abertos às ambiguidades de definições semânticas e às distorções das tradições teológicas. Para explicar o significado deles, as Escrituras os ligam diretamente ao que é Deus. Deus é santo, tendo, evidentemente, a santidade como característica de Seu ser (Lv 19:2; Sl 99:3, 5, 9; Is 6:3; Lc 1:49; 1Pe 1:15, 16; Ap 4:8). Embora a essência de Deus esteja além das definições humanas (Êx 20:3; 2Cr 6:18; Is 40:18), podemos aprender o que isso significa observando os atos de justiça de Deus. “Mas o Senhor dos Exércitos é exaltado em juízo; e Deus, o Santo, é santificado em justiça” (Is 5:16).

Então, a santidade divina se torna manifestada na justiça divina, e essa justiça de Deus, por sua vez, é Sua justiça tornada visível em Seus atos (1Sm 12:7; Dn 9:16; Ap 15:4). Além disso, Deus revela Sua justiça em dois principais atos históricos – a lei e a cruz (Rm 3:21) – bem como através de todos os atos de Sua providência no decorrer da História (Dt 32:4).

Quando Deus age, Ele revela Sua justiça e Sua santidade. Justiça significa que Deus sempre faz tudo certo. Ele agiu de acordo com Sua sabedoria e Seu caráter justo, não apenas quando estabeleceu a ordem da criação,

mas também quando revelou Sua justiça e Seu amor através da lei, da cruz e de Seu ministério celestial.

As ações divinas revelam simultaneamente a santidade e a justiça de Deus (Is 5:16). Quando o profeta Isaías afirmou que os pensamentos e caminhos do Santo de Israel não são nossos pensamentos e caminhos (Is 55:8, 9), ele estava expressando uma verdade fundamental e inalterável: santidade é a diferença entre a natureza de Deus e a nossa, entre Seus pensamentos e os nossos, entre Suas ações e as nossas. Tiago 1:13 provê uma extensão lógica: sendo santo, Deus não pode pecar. Assim, santidade é oposição ao pecado.

### Salvação e estilo de vida

Porque Deus é santo (Lv 19:2; 1Pe 1:15, 16) e deseja partilhar Sua vida conosco, Ele criou seres humanos para que fossem santos. Isso significa ter um estilo de vida santo (Ef 1:4). Porém, ao decidir ser independente de Deus, o ser humano se tornou pecador e perdeu sua santidade (Gn 3). O plano de salvação estabelecido por Deus tem o objetivo de devolver a santidade à vida humana. A experiência de santidade em fé e obediência restaura nos seres humanos a imagem de Deus e produz neles a alegria da salvação.

Claramente estabelecida nas Escrituras, a experiência da salvação inclui um estilo de vida santo. Por exemplo, Zacarias, o pai de João Batista, compreendeu que os crentes esperavam a salvação de Deus com este objetivo: “de conceder-nos que, livres da mão de inimigos, O adorássemos sem temor, em santidade e justiça perante Ele, todos os nossos dias” (Lc 1:74, 75).

Um estilo de vida santo expressa na experiência humana a justiça e o amor que apropriadamente pertencem à santidade de Deus. Adotando um estilo de vida santo, os cristãos fogem da corrupção existente no mundo e se tornam “co-participantes da natureza divina” (1Pe 1:1-4). Porém, nos tornamos co-participantes

da natureza divina não pela transformação e incorporação de nossos corpos criados a essa natureza, algo como a divinização da criatura, mas por adotar a santidade de Deus em nosso viver diário.

Necessitamos compreender claramente que as boas obras, o estilo de vida cristão, não produzem salvação. Temos acesso à salvação unicamente por causa do sacrifício de Cristo e Seu contínuo ministério intercessor no santuário celestial (Hb 5:8-10). Como Paulo já disse, aqueles que têm fé em Cristo são os únicos que experimentam a salvação (Rm 3:22). Porém, a fé conduz à obediência, e, juntas, fé e obediência são dois componentes inseparáveis do mesmo ato da livre confiança do ser humano em Deus (Rm 1:5; 16:26). A livre decisão humana para responder ao chamado de Deus para a salvação através de Cristo em fé e obediência não é a causa, mas a condição necessária para a ocorrência da salvação.

Cristo nos salva para a santidade que, por sua vez, deve ser a verdadeira experiência da salvação. A santidade se torna real quando decidimos exercer fé implícita em Deus e obedecer à Sua vontade, crer e aceitar Suas promessas, Seu poder, Sua providência, Seu chamado e intercessão. A mesma fé e obediência pelas quais aceitamos e recebemos Seu perdão (justificação pela fé) envolvem, simultânea e necessariamente, um intencional e jubiloso estilo de vida obediente (santificação). De acordo com o ensinamento bíblico, não podemos ter uma coisa sem a outra.

Não podemos obter o perdão de Deus, sem que haja simultaneamente a disposição de ser obedientes e ser transformados progressivamente conforme Sua imagem. Desde que os cristãos receberão a coroa da vida por causa de sua fidelidade (obediência) até a morte (Ap 2:10), os pastores devem apresentar completamente esses ensinamentos, para ajudar os crentes a conservar por toda a vida sua resposta de fé-obediência ao chamado de Cristo.



Paulo deu exemplo disso, ao apelar aos cristãos romanos: "Assim como oferecestes os vossos membros para a escravidão da impureza e da maldade para a maldade, assim ofereci, agora, os vossos membros para servirem à justiça, para a santificação" (Rm 6:19). O mesmo apelo foi estendido aos cristãos de Corinto: "Tendo, pois, ó amados, tais promessas, purifiquemo-nos de toda impureza, tanto da carne como do espírito, aperfeiçoando a nossa santidade no temor de Deus" (2Co 7:1). Aos efésios, o apóstolo explicou em detalhes o modo como o estilo de vida santo substitui o antigo e mundano estilo de vida: "... quanto ao trato passado, vos despojeis do velho homem, que se corrompe segundo as concupiscências do engano, e vos renoveis no espírito do vosso entendimento, e vos revisitais do novo homem, criado segundo Deus, em justiça e retidão procedentes da verdade" (Ef 4:22-25).

Entendendo a santidade como um componente necessário da experiência e realidade da salvação, podemos compreender porque "sem a qual [santidade] ninguém verá o Senhor" (Hb 12:14).

### Implicações ministeriais

O ensino bíblico de que um estilo de vida santo (santidade ou santificação) é necessário para a experiência de salvação corre contra a visão que atualmente é mantida por alguns religiosos. Em consequência disso, devemos ter cuidado. Pastores comprometidos com o testemunho completo das Escrituras Sagradas não podem seguir o modelo sacramental de ministério, segundo o qual Deus usa a proclamação como veículo visível (sacramento) para a operação de Seu divino poder salvífico, por meio do Espírito Santo.

Em vez disso, Cristo ensinou que o Espírito Santo opera através da compreensão das palavras da revelação registradas para nós na Escritura. De fato, Cristo enviou o Espírito Santo para dar continuidade a Seu ministério de ensino. Disse Ele aos

discípulos: "Quando vier, porém, o Espírito da verdade, Ele vos guiará a toda a verdade; porque não falará por Si mesmo, mas dirá tudo o que tiver ouvido e vos anunciará as coisas que hão de vir" (Jo 16:13). O poder de Deus opera através das palavras de Cristo e dos atos de revelação registrados nas Escrituras. O próprio Cristo tornou claro que "o Espírito é o que vivifica; a carne para nada aproveita; as palavras que Eu vos tenho dito são espírito e são vida" (Jo 6:63).

Em harmonia com o ensino de Jesus, Paulo não cria que a fé resulta de uma decisão unilateral, onipotente da vontade de Deus, mas da livre resposta humana à Palavra de Cristo: "E, assim, a fé vem pela pregação, e a pregação, pela palavra de Cristo" (Rm 10:17). Se fé e obediência são livre resposta humana ao chamado de Deus, compreender Sua revelação nas Escrituras se torna necessário para a experiência de salvação.

O Espírito Santo usa o ministério pastoral como instrumento escolhido para revelar ao mundo os ensinamentos e os atos de Cristo. Em consequência, o objetivo do ministério pastoral deve ser facilitar a compreensão da Escritura e da vontade de Deus, a fim de que fé e obediência sejam despertadas no mundo e sejam conservadas vivas na igreja.

Um modelo de ministério pastoral centralizado nas Escrituras descobrirá que metodologias evangelísticas orientadas ao cliente são contraproducentes. Em vez disso, justamente porque "no mais alto sentido, a obra da educação e da redenção são uma",<sup>2</sup> os pastores descobrirão que o método da educação cristã é o melhor caminho para se chegar ao objetivo. Necessitamos ter em mente que "a mais elevada espécie de educação é aquela que dê tal conhecimento e disciplina que leve ao melhor desenvolvimento do caráter, e habilite a alma para aquela vida que se mede pela vida de Deus. A eternidade não deve ficar fora de nossos cálculos. A mais elevada educação é aquela que ensine às nossas crianças e jovens a ciência do

cristianismo, que lhes dê um conhecimento experimental dos caminhos de Deus, e lhes comunique as lições que Cristo deu a Seus discípulos sobre o caráter paternal de Deus".<sup>3</sup>

A educação como metodologia pastoral redentiva não adaptará os ensinamentos das Escrituras ao sabor e preferências da cultura secular contemporânea. Em vez disso, tentará torná-los claros e compreensíveis às mentalidades simples e eruditas de todas as culturas.

Deus comissionou os pastores a trabalhar pela salvação de pecadores. Considerando os canais de Deus, Seu poder salvador através da Escritura e o ministério de ensino do Espírito Santo (Jo 6:63; cf Rm 1:16; Jo 16:13, 14), os pastores devem se tornar familiares com todos os ensinamentos da Bíblia e a harmonia existente entre eles. Desse modo poderão ver o amor, justiça e santidade de Cristo. Enquanto o Espírito Santo atrai os seres humanos aos ensinamentos das Escrituras Sagradas para que aceitem e imitem o amor, justiça e santidade de Deus, Cristo os transformará conforme Sua imagem.

Através de progressivo e contínuo crescimento em profunda compreensão dos caminhos de Deus, revelados nas Escrituras, os pastores se tornarão capazes para usar a educação cristã como o melhor método a fim de facilitar e disseminar o conhecimento bíblico, bem como sua experiência pessoal de conversão, entre os pecadores no mundo e os santos na igreja.

O modelo bíblico de ministério pastoral, centralizado no estudo da Bíblia substituirá o tradicional modelo sacramental de pastorado, centralizado apenas em proclamação e rituais. Esse tipo de ministério produzirá um despertamento de piedade e missão que unirá a igreja mundial a fim de apressar a vinda de Cristo. ■

#### Referências:

- <sup>1</sup> *Luther's Works: Career of the Reformer*, eds. Jaroslav Jan Pelikan, Hilton C. Oswald e Helmut T. Lehmann (Saint Louis: Concordia Publishing House, 1999), IV, 34, p. 161.
- <sup>2</sup> Ellen G. White, *Educação*, p. 30
- <sup>3</sup> \_\_\_\_\_, *Orientação da Criança*, p. 296.



Professor de Teologia na  
Universidade Andrews,  
Estados Unidos

# Criação, sábado e louvor



*“Temei a Deus e  
dai-Lhe glória... e  
adorai Aquele que  
fez o céu, e a Terra,  
e o mar, e as fontes  
das águas”*

**A**s tardes de sábado sempre foram um tempo delicioso na minha infância, particularmente quando caminhávamos em família nos campos que rodeiam nossa Universidade La Sierra, na Califórnia. O ar era fresco e balsâmico, enfeitado pelo constante esvoaçar de multicoloridas borboletas, e o balanço das árvores produzia uma suave brisa

que acariciava minha face. Enquanto caminhávamos, admirando a beleza natural, meus pais inevitavelmente aproveitavam para falar a respeito da criação, sobre como Deus decidiu criar o mundo com tanta beleza, variedade, cor e complexidade, dispondo tudo para nosso contentamento e admiração. Criou não apenas coisas para nos alegrar, mas também tempo para ver, sentir e até cheirar todas as glórias da natureza.

Falar sobre a beleza da criação e o tempo para desfrutá-la, inevitavelmente nos leva a uma atitude de gratidão por uma das maiores dádivas de Deus à humanidade – o sábado. Como crianças, nós aproveitávamos o sábado, esse tempo especial de adoração ao Criador e desfrutávamos todas as maravilhas naturais com que Ele nos presenteou. Como resultado, muito cedo em minha vida, o sábado, o louvor e a criação sempre estiveram vinculados e, nessa ligação, eu percebi que sou filho de Deus, Aquele que criou o Universo e me colocou na Terra, para adorá-Lo e viver unido a Ele.

Assim, desde a mais tenra idade, quando eu brincava entre as belezas naturais, até a vida adulta, quando fui chamado ao ministério de ensino sobre o Criador da natureza, três fatos têm-me impressionado bastante: a natureza doxológica da criação, a beleza da semana da criação e o sábado, e as maravilhosas revelações de Deus em Sua criação, que nos levam a adorá-Lo e honrá-Lo para sempre, como nosso Criador e Senhor.

### **Criação doxológica**

A doutrina da criação de Deus é doxológica, servindo como base de adoração e espiritualidade, por exaltar Seu poder e amor, Sua grandeza e bondade. Nada existiu antes dEle; nada existe nem existirá sem Ele. Nada é superior ao Criador. Ele é a causa e o mantenedor de toda realidade. Por essa razão, João exclama e ordena: “Tu és digno, Senhor e Deus nosso, de receber a glória, a honra e o poder, porque todas as coisas Tu criaste, sim, por causa da Tua vontade vieram a existir e foram criadas” (Ap 4:11). “Temei a Deus e dai-Lhe glória... e adorai Aquele que fez o céu, e a Terra, e o mar, e as fontes das águas” (Ap 14:7).

O imperativo doxológico da criação provê a base para uma visão geral de uma criação especial recente, realizada em seis dias literais, o que nos leva ao sétimo dia de repouso e adoração. Essa visão também nos informa a respeito de outras doutrinas

relacionadas, como a queda do homem e o dilúvio universal, pecado e redenção, ética e escatologia, bem como preserva a integridade da Escritura, proclama o amor como essência do caráter de Deus e estabelece a realidade da restauração final.

Quanto mais nós recapitulamos os elementos básicos dessa estrutura fundamental de fé, mais ainda somos levados a crer na importância da visão de uma criação especial que se torna o fundamento para nossa adoração. Assim, quando a natureza doxológica da criação se torna clara, como fazem os livros de Gênesis e Apocalipse, não é surpreendente que o sábado seja o memorial dessa visão inspiradora de louvor.

### **A semana da criação**

A criação é um ato que demonstra o livre e incomensurável amor de Deus. Seres santos, em um Universo já existente, exultaram alegremente diante do que Deus realizara neste mundo recém-criado. Seu infinito poder e sabedoria trouxeram à existência as primeiras formas de vida sobre a Terra, culminando com seres criados à Sua própria imagem e semelhança (Gn 1; 2; Jô 38:4-7; Sl 33:5, 6, 8, 9; 149:5, 6; 148:5; Jo 1:1-18; Cl 1:17, 18). O livro de Gênesis descreve que a atividade criadora de Deus na Terra foi concluída em seis dias literais, seguidos por um dia de repouso (Gn 1; 2; Êx 20:11; 31:17; Hb 4:4; 11:3; Ap 14:7).

Esse dia de repouso, o sábado, não foi designado para ser um período de inatividade, mas de celebração pelos feitos do amor de Deus nos seis dias anteriores. É a celebração de criaturas unidas em amor para adorar, honrar e comungar com seu Deus criador (Ap 14:7).

Desse modo, o sábado mostra que a criação resultou da atividade de Deus em seis dias literais. Isso significa que o sábado do sétimo dia é uma perpétua lembrança de que os dias da criação não foram místicos, simbólicos ou metafóricos. Esses dias não são os assim chamados “dias

divinos”, cada um dos quais traduzidos em milhões de anos terrestres de uma suposta criação divina, com o processo sendo desenvolvido através de doença, sofrimento, predação, morte e mutação, eventualmente resultando no aparecimento do homem – o ápice do processo evolutivo da criação, e com os seres humanos tornando-se sujeitos ao mal e à morte. Tal método de “criação” reproduziria um Deus criador vil, cruel e demoníaco, indigno de adoração.

Porém, observemos o relato de Gênesis. No clímax da semana da criação, Deus descansou, abençoou e santificou o sétimo dia e, por meio disso, o instituiu como dia de repouso, baseado na criação, para toda a humanidade. É assim que o sábado serve como imutável memorial de uma criação completada em seis dias e como sinal do relacionamento santificador existente entre o Criador e os seres criados à Sua imagem (Gn 2:1-4; Êx 20:8-11; 31:17; Ez 20:12).

O sábado nos revela que pertencemos a Deus, que “foi Ele quem nos fez, e dEle somos” (Sl 100:3). Consequentemente, somos convidados a nos unirmos nesta doxologia: “Teu, Senhor, é o poder, a grandeza, a honra, a vitória e a majestade” (1Cr 29:11). E, novamente: “Bem-aventurado aquele... cuja esperança está no Senhor,... que fez os céus e a Terra, o mar e tudo o que neles há... e dá pão aos que têm fome. O Senhor liberta os encarcerados. O Senhor abre os olhos aos cegos, ... ampara o órfão e a viúva, ... Aleluia!” (Sl 146:5-10). Esse foco na glória da semana da criação nos convida a examinar Deus da maneira como Ele é revelado nas maravilhas que trouxe à existência.

### **Base para louvar**

Embora os cristãos não devam procurar provar cientificamente e pela racionalidade humana a realidade de Deus e Seus atributos, eles devem, através da fé, agradecer ao Senhor por ter revelado Seu amor, sabedoria e poder nas coisas visíveis que criou. Como disse Paulo, “porquanto, o que

de Deus se pode conhecer é manifesto entre eles [os homens], porque Deus lhes manifestou. Porque os atributos invisíveis de Deus, assim o Seu eterno poder, como também a Sua própria divindade, claramente se reconhecem, desde o princípio do mundo, sendo percebidos por meio das coisas que foram criadas. Tais homens são, por isso, indesculpáveis” (Rm 1:19, 20). Essas palavras nos animam a andar pela natureza, contemplando as maravilhas que Deus criou e delas aprendendo a Seu respeito. Então, podemos louvá-Lo por Seu imenso poder e bondade em doá-las a nós.

O cientista Michael Denton afirmou estar impressionado com a sabedoria observada nos bastidores dos designios da natureza, particularmente no sistema respiratório e pulmonar das aves. Desde o pequeno beija-flor à imponente águia, as criaturas aladas que também podem andar continuam fascinando a imaginação humana. Como Deus designou o mecanismo de respiração das aves? Somente com o progresso atual da biologia, temos sido capacitados para apreciar ainda mais profundamente a sabedoria exposta no designio das aves, especialmente seu sistema respiratório.

Tanto quanto sabemos, no mundo natural, existem apenas dois tipos de sistemas respiratórios. O primeiro tipo é possuído por todos os animais, exceto pássaros. Os seres humanos e outros animais inalam o ar para os pulmões através de tubos ramificados chamados brônquios que se dividem em pequenos brônquios (bronquíolos), terminando em pequenas bolsas de ar chamadas alvéolos, posicionados nos bronquíolos. Então, o ar é inalado e exalado através dos mesmos tubos.<sup>1</sup> Ou seja, o processo de aspiração e expiração do ar ocorre através da mesma passagem.

No segundo tipo, presente em todas as aves e diferente do primeiro,<sup>2</sup> o pássaro inala o ar que passa pelos brônquios principais, que se ramificam em pequenos tubos cilíndricos chamados parabônquios.

Esses parabônquios se fundem novamente com os brônquios maiores, “formando um verdadeiro sistema circulatório de modo que o ar flui em uma direção através aos pulmões”.<sup>3</sup> É importante notar que a “fluência unidirecional do ar é mantida, durante a inspiração e a expiração, pelas... bolsas de ar [os pequenos tubos cilíndricos]... de modo a assegurar uma contínua liberação do ar através dos parabônquios”.<sup>4</sup> Por que o sistema respiratório dos pássaros difere do sistema dos outros animais? Deus deve ter tido alguma razão especial para fazer um inteiramente novo tipo de sistema respiratório para Suas criaturas aladas.

O requerimento de energia necessária para voar é maior que a energia necessária para caminhar ou correr. Assim, o Criador designou nos pássaros um sistema especial de pulmões, a fim de prover um estoque extra do oxigênio necessário para voar. Deus providenciou um sistema no qual o contato do ar puro com o sangue é mantido por meio da fluência em uma via. Nesse modelo, o ar puro, não misturado com o estragado, fornece ao sangue o máximo possível de oxigênio para a necessidade adicional de energia no processo de voar. Essa solução é um conceito propositadamente estabelecido pelo Criador. Até podemos não entender plenamente esse processo, mas, pela fé, podemos exclamar como o salmista: “Tal conhecimento é maravilhoso demais para mim” (Sl 139:6). Na verdade, o sistema respiratório das aves é uma das maravilhosas obras de Deus (Sl 139:14).

O especial formato dos pulmões das aves ilustra que o cuidado de Deus por Suas criaturas é eterno. Esse Deus criador que cuida do parafal, assim como tem cuidado de nós, é digno de louvor e adoração.

### “Dai-Lhe glória”

Se o sistema respiratório das aves revela a sabedoria e o cuidado natural do Criador, não deveríamos nós

ser propagandistas de Seu trabalho, disseminando o conhecimento dEle como um Deus de amor e cuidado, proclamando-O como digno do louvor incondicional e sem reservas de toda a criação? Para esse louvor a primeira mensagem angélica de Apocalipse 14 chama a atenção de todo o mundo: “Vi outro anjo voando pelo meio do céu, tendo um evangelho eterno para pregar aos que se assentam sobre a Terra, e a cada nação, e tribo, e língua, e povo, dizendo, em grande voz: Temei a Deus e dai-Lhe glória, pois é chegada a hora do Seu juízo; e adorai Aquele que fez o céu, e a Terra, e o mar, e as fontes das águas” (Ap 14:6, 7).

*“Adoração é a última obrigação dos seres humanos para com seu Criador”*

A inspiração coloca esse chamado à adoração como a última obrigação dos seres humanos para com seu Criador. Esse contexto de criação vinculada ao ato de adorar prova que a criação é doxológica. Nem criação nem doxologia podem ser plenamente apreciadas sem a devida atenção à primazia do sábado no relacionamento divino-humano.

Portanto, na próxima vez em que fizermos uma caminhada pela natureza, num sábado à tarde, que cada passo esteja em sintonia com o deleitoso canto de louvor de algum pássaro, com o som do riacho que corre, do grito de algum animal ou da brisa que acaricia. Tudo isso no cenário multicolorido das flores. Que nossa adoração sabática seja um reconhecimento do Criador cujo amor e sacrifício de Si mesmo são incomensuráveis, e cuja fidelidade é eterna. ▀

#### Referências:

<sup>1</sup> Michael Denton, *Evolution: A Theory in Crisis* (Bethesda, MD: Adler & Adler, 1985), p. 212.

<sup>2</sup> *Ibid.*

<sup>3</sup> *Ibid.*

<sup>4</sup> *Ibid.*



Diretor mundial da  
Agência Adventista de  
Desenvolvimento e Recursos  
Assistenciais

# Um pouco da segunda vinda

*É nosso dever trabalhar a fim de tornar o mundo melhor, proclamar que o reino de Deus está entre nós*

**O** que a segunda vinda de Cristo tem que ver com uma criança de três anos doente com Aids, cujos pais morreram por causa dessa doença? Quando visitei Patrícia, no sul da África, eu descobri.

Faz alguns anos, Patrícia deixou seu trabalho no governo para abrir seu lar e seu coração a cerca de 20 crianças que contraíram Aids e que já tinham perdido seus pais. Ao me receber, antes de eu sair do carro, ela disse: “Nem pense em entrar, a menos que você queira ser uma escada humana. As crianças adoram brincar

subindo nos visitantes”. Entrei, e vi o pátio repleto de crianças sorridentes e brincalhonas. Enquanto eu observava aquela alegria, Patrícia me disse: “Duas crianças morreram no ano passado. Mas eu prometi a Deus que elas morreriam em meu lar, em braços de amor, não no albergue local”.

Em minhas viagens pelo mundo, poucos lugares têm me tocado mais que este. Quando vejo inocência e injustiça caminhando juntas, quando vejo corações partidos, também percebo que nós, seguidores de Cristo, não podemos sentar e esperar que algum milagre faça o que temos que fazer.

Impressionado com a pureza do coração de Patrícia e sua vocação para fazer diferença na vida daquelas crianças, perguntei-lhe qual o motivo de sua decisão. Ela respondeu: “Desejo que elas experimentem um pouco da segunda vinda de Cristo, agora”. Então, é isso o que a segunda vinda tem que ver com uma criança doente. Comida, motivo para sorrir, poder brincar, agora. Acesso a tratamento contra o vírus, agora. Talvez, seja isso o que a segunda vinda tenha que ver conosco também, agora.

Jamais esqueci as palavras de Patrícia. Provavelmente, melhor que

quaisquer outras, elas englobam meu pensamento sobre o que penso deveria ser nosso chamado à responsabilidade social, nossa missão de mostrar amor incondicional e cuidado ao fraco e necessitado perto de nós. Se não houvesse nenhuma outra razão para assisti-los, deveríamos nos motivar pela lembrança de que Cristo Se deu por nós quando éramos fracos e necessitados.

### **“Qual é o proveito disso?”**

No início de Seu ministério, Cristo disse: “O tempo está cumprido, e o reino de Deus está próximo; arrependei-vos e crede no evangelho” (Mc 1:15). Ele anunciou esse reino ao pobre, oprimido e necessitado. Levou “o reino de Deus” às pessoas em Seu tempo, não apenas pregando e ensinando, mas curando e ministrando às suas necessidades físicas. Cristo viveu no tempo presente. Ele não esperou a segunda vinda, para testemunhar do reino. Através de Seu trabalho, Ele foi um agente de mudança. Transformou vidas, em Seu tempo, trabalhou pelo bem imediato de homens e mulheres, independentemente da escolha que fizessem a Seu respeito.

Não é de admirar que, nossa declaração de missão adventista do sétimo dia afirma que fomos chamados a “ministrar ao pobre e oprimido”, um ministério através do qual “cooperamos com o Criador em Sua compassiva obra de restauração”.

O chamado para ministrar ao necessitado, pobre e oprimido não é todo o evangelho, mas não podemos imaginar o evangelho sem ele. Falar sobre Jesus e a esperança de sua segunda vinda a órfãos aidéticos, sem alimentar seu estômago vazio, nem encher seu coração com amor, não significa boas-novas. Mas, como disse Patrícia, ao ministrar necessidades imediatas, não estamos apenas falando da segunda vinda, mas ajudando os necessitados a experimentá-la, um pouquinho, agora. O compromisso com essa visão e com o chamado para vivenciá-la agora não é

tudo o que o evangelho encerra, mas sem esse compromisso, o evangelho não é boas-novas.

É verdade que somos chamados a proclamar o “evangelho eterno... a cada nação, e tribo, e língua, e povo”. Porém, muitas nações, tribos e pessoas estão desesperadas, com necessidades de coisas básicas para sobrevivência. Por isso, Jesus disse, através do profeta: “Seria este o jejum que escolhi, que o homem um dia aflija a sua alma, incline a sua cabeça como o junco e estenda debaixo de si pano de saco e cinza? Chamarias tu a isto jejum e dia aceitável ao Senhor? Porventura, não é este o jejum que escolhi: que soltes as ligaduras da impiedade, desfaças as ataduras da servidão, deixes livres os oprimidos e despedaces todo jugo? Porventura, não é também que repartas o teu pão com o faminto, e recolhas em casa os pobres desabrigados, e, se vires o nu, o cubras, e não te escondas do teu semelhante?” (Is 58:5-7).

Em outras palavras, que são nossos ensinamentos, tradições e doutrinas, à parte do ministério ao pobre e necessitado? Tiago questiona: “Se um irmão ou uma irmã estiverem carecidos de roupa e necessitados do alimento cotidiano, e qualquer dentre vós lhes disser: Ide em paz, aquecei-vos e fartai-vos, sem contudo, lhes dar o necessário para o corpo, qual é o proveito disso?” (Tg 2:15, 16).

Muitas pessoas, hoje, pensam na espiritualidade sem o reino de Jesus, sem o desconforto da responsabilidade social ou sacrifício pessoal. Esperam o cumprimento das promessas divinas, mas não querem cumprir suas condições. “Ora”, escreveu Paulo, “nós que somos fortes devemos suportar as debilidades dos fracos e não agradar-nos a nós mesmos” (Rm 15:1). Sem isso, “qual é o proveito?”

### **Apocalipse agora**

O novo adventista testemunha de nossa esperança e visão do futuro. Mas, qual é essa visão? Imagine que, justamente agora, você esteja sendo apresentado pela primeira vez a esta

visão do futuro: “Vi novo céu e nova Terra, pois o primeiro céu e a primeira Terra passaram, e o mar já não existe. Vi também a cidade santa, a nova Jerusalém, que descia do Céu, da parte de Deus, ataviada como noiva adornada para o seu esposo. Então, ouvi grande voz vinda do trono, dizendo: Eis o tabernáculo de Deus com os homens. Deus habitará com eles. Eles serão povos de Deus, e Deus mesmo estará com eles. E lhes enxugará dos olhos toda lágrima, e a morte já não existirá, já não haverá luto, nem pranto, nem dor, porque as primeiras coisas passaram” (Ap 21:1-4).

*“Prestando assistência aos necessitados, estamos antecipando o futuro prometido por Cristo”*

Não mais morte, nem lágrimas nem dor, num mundo que agora é caracterizado por essas coisas? Essa é nossa radical, apocalíptica e maravilhosa visão do futuro. Que utopianismo secular nos pode oferecer alguma coisa como essa, muito menos dar uma chance de conquistá-la?

Somos um povo apocalíptico, cremos no apocalipse, nossa missão está ligada ao apocalipse, avançamos em direção do apocalipse. Não podemos simplesmente ficar sentados esperando que Deus faça o que prometeu fazer. Estamos envolvidos nesse trabalho, agora. Não fomos chamados a viver fora do mundo; ao contrário, fomos chamados a nos engajar no mundo, para torná-lo melhor, proclamar que o reino de Deus está entre nós e dar às pessoas “um pouco da segunda vinda, agora”.

Uma igreja comprometida com a responsabilidade social revela comprometimento com a ressurreição. É a fé na realidade de que, há dois mil anos, Deus venceu o mal e logo o destruirá para sempre. Mas, essa é uma vitória que podemos vivenciar agora. Porque Cristo ressuscitou, já

não somos escravos da morte. Não é certo que crianças devam continuar morrendo de fome e doenças contagiosas. Devemos fazer o possível para combater esses males.

Somos pastores chamados por Deus para transformar nossas congregações em comunidades de esperança, testemunho e restauração. Os pastores estão em ótima posição para ser agentes de amor e justiça. Eles têm realizado muitos funerais, visto muitos abusos, ouvido muitas histórias de fracasso e tristeza. Portanto, não devem agir como triunfalistas sentimentais. Pastores esperam com ouvidos bem abertos. Sabem que há coisas perversas acontecendo no mundo. Devem falar e agir contra elas, como Jesus fez.

É por isso que muito de nosso trabalho de proclamar o evangelho envolve trato com males sociais: pobreza, desemprego, doença, falta de moradia, calamidades, fome, guerra, tudo o que um dia passará. Embora a violência aumente, a sociedade se desintegre e a criação esteja gemendo, antecipamos pela fé a visão de Deus e testemunhamos de novo céu e nova Terra.

Nós cavamos cisternas e alimentamos o faminto, combatemos o tráfico sexual e a violência contra a mulher, ajudamos a tirar pessoas da pobreza absoluta. Como igreja, somos chamados a fazer tudo isso e muito mais, onde quer que estejamos e da maneira como nos for possível. Assim, estamos antecipando o futuro que nos foi prometido em Cristo. Buscamos dar às pessoas uma sombra do que Deus tem reservado para nós. Apocalipse 20, com sua visão da Nova Jerusalém, e Apocalipse 14, com seu chamado à proclamação do evangelho, são partes da mesma visão de João. Uma coisa (Apocalipse 14) leva à outra (Apocalipse 20).

Iremos nós, com nosso trabalho, resolver todos os problemas do mundo? Evidentemente, não. Desconheço qualquer texto bíblico que nos garanta isso. O que devemos fazer é olhar o Cristo ressuscitado para que

possamos captar a glória que pretendemos. Devemos transmitir Sua visão de novo céu e nova Terra para a comunidade de amor e justiça pela qual começamos a trabalhar, agora.

### **Cristianismo prático**

Algumas pessoas acreditam que é possível fazer o trabalho de evangelismo sem uma dimensão social ou de desenvolvimento. Em contraste, outras acreditam que podemos fazer o trabalho de assistência social e desenvolvimento sem um componente evangelístico. As duas visões são superficiais, sendo que cada uma apresenta um componente unilateral ou unidimensional, implicando que a outra é opcional.

Entretanto, não existe essa dicotomia na Escritura, nem tal ruptura entre Palavra falada, através da pregação e do evangelismo, e Palavra tornada visível nas ações bíblicas de responsabilidade social, justiça e desenvolvimento. Jesus pregou, mas também ministrou às necessidades das pessoas. Ele ministrou às necessidades das pessoas, mas também pregou.

As Escrituras são claras quanto aos resultados da construção do reino de Deus: o coração das pessoas é atraído para Ele; o cego pode ver e o coxo pode correr. O pobre pode conseguir sustento e pode haver paz na Terra. Não há nenhum conflito entre evangelismo e desenvolvimento. Eles são partes da mesma missão de Deus. Todas as atividades realizadas por Cristo foram executadas em busca do santo propósito de restaurar a humanidade e construir o reino de Deus. Sua pregação, Seu ministério de cura, Seu chamado à justiça social, a liberdade e afirmação oferecidas aos pobres e fracos, Sua crítica direcionada ao governo opressor de Herodes, Seu empenho na promoção da paz, tudo isso era parte do conjunto. A negligência quanto a essas coisas caracteriza infidelidade no exercício de nossa mordomia e nossa vocação, infidelidade para com a missão.

Nesta altura, é preciso esclarecer uma concepção errônea comum, que

condiciona o trabalho aos resultados imediatos. Devemos trabalhar sem nenhuma restrição proselitista. Com isso, quero dizer exatamente nenhuma restrição proselitista. Condição nossa prestação de serviço ao interesse imediato ou potencial da pessoa em se tornar seguidora de Cristo, pode contribuir para uma trágica distorção do princípio do amor, que se dá sem esperar nada em troca.

Qual é o relacionamento entre atos de serviço e testemunho? O serviço cristão nos chama ao empenho no atendimento às necessidades humanas, mesmo que não haja razões para esperar que esse ministério crie oportunidades para colheita evangelística imediata, ou, até mesmo em longo prazo. Evidentemente, jamais devemos agir com subterfúgios, procurando esconder a fonte de motivação para nossos valores cristãos. Devemos estar sempre prontos para dar explicação sobre nossa fé. Porém, não devemos alimentar uma consciência culpada, caso tenhamos de esperar muito tempo a fim de dar essa explicação, ou mesmo se a oportunidade para isso jamais aparecer.

Em alguns casos, o melhor testemunho que podemos dar é fazer, em lugar de falar. Quando praticamos a fé na ressurreição e a visão do apocalipse, estamos testemunhando sobre o fim deste mundo caído. Abalamos o poder do mal; rebelamo-nos contra a ideia de que somos impotentes e passivos em meio à dor e ao sofrimento. Testemunhamos de que o ódio, a pobreza e a injustiça não serão observados passivamente.

Recentemente, estive em um país repleto de necessidades. Não tenho a menor ideia quanto às escolhas que a população local fará no que tange a Jesus e à salvação. Entretanto, sei que, através do nosso trabalho altruísta e abnegado, as pessoas estão observando um testemunho vivo do evangelho e, como disse Patrícia, “um pouco da segunda vinda, agora”. Nada pode ser mais cristocêntrico e evangelístico do que isso. ❧

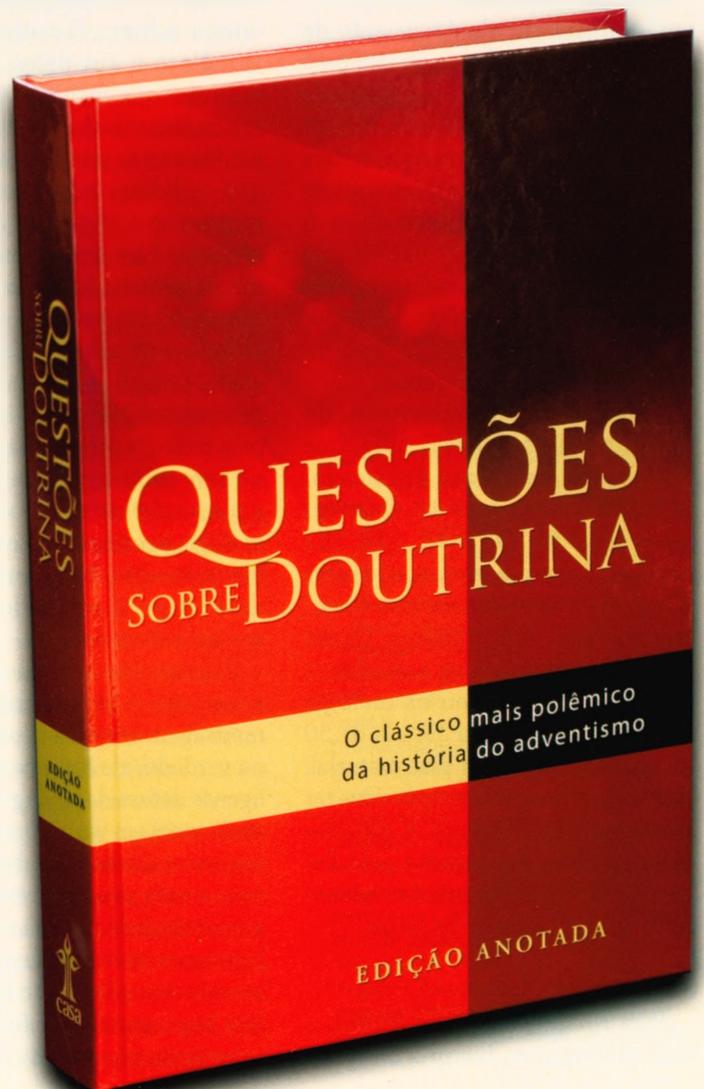


## PONTO DE VISTA

# Pontes para o diálogo

*Uma das obras mais influentes na história do adventismo é lançada no Brasil e possibilita novas reflexões*

**E**m outubro de 2007, um grupo de teólogos adventistas e evangélicos se reuniu na Andrews University, nos Estados Unidos, para celebrar os 50 anos de lançamento do livro *Adventists Answer Questions on Doctrine*, mais conhecido como *Questions on Doctrine*, ou simplesmente QOD.<sup>1</sup> A conferência evidenciou ainda mais o papel desse clássico na história do pensamento teológico adventista, que virou até assunto de tese.<sup>2</sup>



O livro nasceu de um diálogo entre os evangélicos fundamentalistas Donald Grey Barnhouse (1895-1960) e Walter Martin (1928-1989) e os líderes adventistas LeRoy Edwin Froom (1890-1974), Roy Allan Anderson (1895-1985) e Walter E. Read (1883-1976). Barnhouse era pastor presbiteriano e editor da revista *Eternity*; Martin era pesquisador de movimentos religiosos e caçador de seitas no cenário norte-americano.

*“É possível dialogar com o mundo religioso, sem comprometer a nossa mensagem”*

Tobias Edgar Unruh (1894-1982), então presidente da Associação da Pensilvânia Leste, havia escrito para Barnhouse elogiando sua fala pelo rádio sobre justificação pela fé. Barnhouse ficou surpreso porque achava que os adventistas não criam na justificação pela fé, e sim pelas obras. A partir daí, teve início o diálogo, que culminou com o lançamento do livro em 1957. Reuben R. Figuhr (1896-1983), então presidente da Associação Geral, apoiou o projeto.

Agora, o público adventista do Brasil tem acesso a essa obra, que foi lançada pela Casa Publicadora Brasileira sob o título *Questões Sobre Doutrina*.<sup>3</sup> O livro, com 512 páginas, é um presente aos leitores que gostam de substancial material teológico e doutrinário. Quem quer entender melhor a mudança de ênfase que ocorreu na teologia adventista a partir da década de 50 não pode deixar de ler esse material. Todo pastor bem informado deve ter a obra em sua biblioteca. A introdução e as notas preparadas pelo Dr. George Knight, historiador adventista, ajudam a situar os fatos.

### Polêmica

Para Knight, o livro se tornou o mais polêmico na história da Igreja

Adventista. Um dos principais críticos foi Milian L. Andreasen (1876-1962), que na época era influente na teologia adventista e foi deixado de lado na preparação do livro. Knight especula que, se Andreasen tivesse sido consultado a respeito da posição adventista sobre a expiação, se Froom e seus colegas tivessem lidado de maneira mais transparente sobre o assunto da natureza humana de Cristo e se Froom e Andreasen tivessem personalidades mais flexíveis, o resultado poderia ter sido diferente.<sup>4</sup> Mas a história não é feita de “SEs”.

O segmento adventista que gosta de enfatizar a santificação (ou, como diriam alguns, o perfeccionismo), especialmente os adeptos da teologia da “última geração”, ainda critica o livro. O teólogo Herbert Douglass é um deles. Num livro recente,<sup>5</sup> que inclui sua palestra na conferência da Andrews University, ele faz várias ponderações e insiste que os líderes adventistas desconsideraram a lógica da teologia adventista. Eles eram notáveis e altamente respeitados, mas não tinham formação em teologia sistemática. Usando a metáfora das placas tectônicas, Douglass afirma que a placa tectônica adventista, influenciada pela teologia arminiana, com ênfase no livre-arbítrio, não se encaixa com a placa calvinista, influenciada pela teologia agostiniana, com ênfase na predestinação. Na tentativa de fundir as duas, o resultado só poderia ser um terremoto!<sup>6</sup>

Alguns conservadores podem achar que o livro comprometeu a mensagem adventista original. Mas, na verdade, ele foi uma forte e inteligente defesa da teologia adventista tradicional em vários pontos relevantes, como o sábado, Babilônia, a profecia condicional, o pré-milenismo e a imortalidade condicional. Para um livro que visava ganhar a simpatia do mundo evangélico, isso foi marcante. Se a linguagem usada foi diferente, a substância não mudou muito.

### Diversidade

Para David Larson, professor na Universidade de Loma Linda, o livro desagradou na época a ala direita da igreja e também a esquerda. Enquanto a ala direita o criticou, a ala esquerda o ignorou, porque preferia dialogar com gente como os filósofos-teólogos Charles Hartshorne e Paul Tillich.<sup>7</sup> Todavia, se o livro desagradou os extremos, mas representou o centro e estimulou o debate, então cumpriu papel importante. Ele evidenciou e aprofundou a diversidade no pensamento adventista, o que não é necessariamente ruim, porque pode haver mais de uma maneira correta de pensar e ver as coisas, como pode ser ilustrado pela existência de quatro evangelhos.

Hoje, de acordo com Jon Paulien, decano da Escola de Religião da Universidade de Loma Linda, a diversidade no pensamento adventista é refletida em quatro vertentes principais: (1) *tradicionalismo criativo*, expresso por evangelistas e missionários; (2) *biblicismo respeitoso*, expresso por eruditos adventistas “liberais” e “conservadores”; (3) *minimalismo indiferente*, expresso especialmente pelos membros jovens e pós-modernos do primeiro mundo; e (4) *criatividade apaixonada*, expressa basicamente pelo adventismo do Hemisfério Sul, o qual é “guiado pela tradição e a leitura devocional da Escritura”.<sup>8</sup>

Paulien completa a análise com uma analogia da igreja primitiva. Após a morte do último apóstolo, dentro de poucas gerações, a igreja cristã começou a se fragmentar em cinco grupos, todos com diferentes soluções para o “problema da unidade da igreja”: (1) os *gnósticos*, enfatizando que as ideias certas iriam manter a igreja unida e pura; (2) os *monásticos*, pregando que a separação do mundo manteria a igreja unida e pura; (3) os *montanistas*, ensinando que uma conexão direta de cada membro com o Espírito de Deus iria manter a igreja unida e pu-

ra; (4) os *marcionitas*, argumentando que somente o evangelho manteria a igreja unida e pura; e (5) os *institucionalistas*, defendendo que deixar os líderes decidirem as questões mais importantes iria manter a igreja unida e pura. Por volta do tempo de Constantino, os institucionalistas haviam se tornado o grupo dominante, e o resultado, no Ocidente, foi a igreja medieval.<sup>9</sup>

Após a morte de Ellen White, completa Paulien, a Igreja Adventista experimentou igual processo de fragmentação. Nesse contexto, que caminho seria mais recomendável hoje? A igreja cristã primitiva optou pela quinta abordagem, entregando o poder aos bispos, e o resultado não foi dos melhores. “Será que faremos melhor?”, ele pergunta. Dependendo de nossas escolhas, poderemos fazer.

Mais importante do que discutir a existência de diferentes grupos dentro da igreja, talvez seja reavaliar o papel da igreja como movimento profético no século 21. Será que ela deve abandonar seus pontos distintivos e se acomodar ao mundo evangélico, em busca de reconhecimento e *status*? Ou será que deve apostar no confronto, como defendem certos grupos mais radicais? Seriam essas as únicas opções?

### Povo singular

Em seu discurso de despedida em 1978 como presidente da Associação Geral, durante o Concílio Anual, Robert Pierson (1911-1989)<sup>10</sup> descreveu como uma seita se torna uma igreja, ao atingir completa aceitação pela sociedade, e apelou: “Irmãos e irmãs, isso nunca deve acontecer com a Igreja Adventista do Sétimo Dia. Esta não é apenas outra igreja; é a igreja de Deus!” Para ele, alguns estavam cortejando a simpatia dos evangélicos e minimizando o caráter peculiar do povo adventista, mas isso jamais deveria ocorrer. “Nós não somos anglicanos do sétimo dia, nem luteranos do sétimo dia; somos adventistas do sétimo dia!

Esta é a última igreja, com a última mensagem de Deus!”

“Dialogar com amor e cordialidade é preciso. Mas sem o temor de expor as razões de nossas peculiaridades”

A preocupação do pastor Pierson era legítima. Porém, com as mudanças do mundo e a perspectiva do século 21, podemos dizer que é possível dialogar com o mundo religioso e manter nossa peculiaridade. Preconceitos podem ser vencidos, mitos podem ser desfeitos e um maior entendimento pode ser conseguido. O diálogo não é para comprometer a mensagem, mas para ajudar a partilhá-la com inteligência e ousadia.

Uma das características da fase inicial do movimento adventista era a capacidade de buscar a verdade, inovar e expor claramente seus pontos de vista. Se o movimento não tivesse ousado inovações, não teria progredido em sua visão doutrinária. Quando a igreja pesquisa, questiona tradições e dialoga, ela se torna mais relevante; quando se acomoda e passa a viver de tradicionalismos, torna-se irrelevante.

Portanto, dialogar com amor e cordialidade é preciso. Mas sem o temor de expor as razões de nossas peculiaridades. O adventismo em seu melhor não é exclusivista nem “assimilacionista”, mas dialogal. A igreja somente terá relevância em uma esfera mais ampla se valorizar o aprofundamento constante da compreensão da verdade bíblica e tiver coragem de apresentar suas descobertas ao mundo. Se o enfoque no lado prático da religião é importante para o dia a dia da igreja, a ênfase no pensamento teológico não é menos importante em termos de estratégia a longo prazo.

Há quem faça restrições aos diálogos com outros grupos religiosos.

Mas, se há uma crítica que poderia ser feita com mais propriedade, é que a igreja não ampliou sua influência o suficiente entre o mundo pensante da teologia. Por exemplo, hoje muitos teólogos conceituados pensam basicamente como os adventistas no que tange à imortalidade condicional e ao conceito bíblico de inferno. Contudo, parece que eles chegaram a essa conclusão mais por estudo próprio, apoiado pela evolução da teologia e o peso das evidências científicas, do que por influência da literatura adventista.

*Questões Sobre Doutrina* é símbolo de uma época em que a igreja tentava estabelecer melhor sua identidade em relação ao mundo evangélico. Nesse processo, acertou em algumas coisas e pode ter errado em outras. Isso é parte normal de qualquer empreendimento humano, mesmo quando ordenado por Deus. O importante é que estava agindo e tentando construir pontes. Essa ainda é a nossa missão. ■

#### Referências:

- <sup>1</sup> Os documentos apresentados durante a conferência podem ser acessados no site: [www.god.andrews.edu/downloads.html](http://www.god.andrews.edu/downloads.html).
- <sup>2</sup> Ver Juhyeok Nam, “Reactions to the Seventh-day Adventist Evangelical Conferences and Questions on Doctrine, 1955-1971” (tese de Ph.D., Andrews University, 2005).
- <sup>3</sup> *Questões Sobre Doutrina: O Clássico Mais Polêmico da História do Adventismo*, edição anotada (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2009).
- <sup>4</sup> George R. Knight, “Introdução Histórica e Teológica à Edição Anotada”, em *Questões Sobre Doutrina: O Clássico Mais Polêmico da História do Adventismo* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2009), p. 11, 21, 22.
- <sup>5</sup> Ver Herbert E. Douglass, *A Fork in the Road* (Coldwater, MI: Remnant Publications, 2008).
- <sup>6</sup> *Ibid.*, p. 15-29.
- <sup>7</sup> David R. Larson, “Comments by a Left-Wing Neo-Andreasenite”, artigo apresentado na *Questions on Doctrine 50<sup>th</sup> Anniversary Conference*, Andrews University, 24-27 de outubro de 2007, p. 1.
- <sup>8</sup> Jon Paulien, “Question on Doctrine and the Church: Present and Future”, artigo apresentado na *Questions on Doctrine 50<sup>th</sup> Anniversary Conference*, Andrews University, 24-27 de outubro de 2007, p. 3, 4.
- <sup>9</sup> *Ibid.*, p. 6, 7.
- <sup>10</sup> Robert H. Pierson, “An Earnest Appeal from the Retiring President of the General Conference”, *Adventist Review*, 26 de outubro de 1978, p. 10, 11.



## CRESCIMENTO DE IGREJA

# Por um redil seguro

*“Depois de as pessoas se haverem convertido à verdade, cumpre sejam cuidadas”*

**É** bastante expressivo o número de pessoas decepcionadas com a igreja da qual fazem parte, e que acabam abandonando-a. Ignorar esse fato é ignorar essas pessoas e os motivos de sua decepção. Analisar tais motivos é atitude reveladora de amor e preocupação para com elas, mostrando-lhes que são muito importantes e que não são vistas apenas como números.

De acordo com eruditos da sociologia, crentes decepcionados com uma igreja e em busca de outras geram o fenômeno denominado “trânsito religioso”. Os que abandonam a igreja, mas não buscam filiar-se a outra, são denominados como “sem filiação denominacional”.

Estudioso do assunto, Paulo Romero alerta no sentido de que, apesar de o índice de cristãos na população brasileira ser um pouco acima de 90%, conforme o Censo Demo-

gráfico de 2000, é grande o avanço de uma “não filiação religiosa”.<sup>1</sup> Mas, ao contrário do que se poderia supor, isso não significa que a população esteja se tornando atea. Está, sim, decepcionada com o apelo de algumas denominações que prometem muito e cumprem pouco, além da concorrência entre elas.

Para Ronaldo de Almeida e Paula Montero, as pessoas não se filiam a uma denominação religiosa porque não se identificam com nenhuma delas especificamente. Entendem que o fato de não pertencerem a nenhum sistema religioso não significa ausência de espiritualidade. A recusa em filiar-se pode também ser fruto da busca malsucedida nas religiões institucionalizadas.<sup>2</sup>

### Razões do abandono

Os motivos que levam pessoas a deixar a igreja podem ser caracteri-

zados como exógenos (de fora das pessoas) e endógenos (internos). Entre os motivos exógenos estão aqueles ligados à própria igreja. Numa pesquisa realizada por este autor, entre ex-adventistas da região sul do Brasil, os entrevistados foram solicitados a apontar razões, da parte da igreja, que os levaram a abandoná-la. As respostas incluíram falta de acolhimento e carisma, falta de união e amor, prática de injustiças, discórdia, falso testemunho, isolamento, mexericos, pouca preocupação com os jovens, falta de sintonia com o pensamento da época.

Outros criticaram o estilo de música considerada “profana”, com uso de instrumentos de percussão, “despreparo da liderança”, “falta de comprometimento com a missão”, e distanciamento do pastor, devido ao acúmulo de trabalho com muitas congregações. Aliás, analisando os

resultados de outras duas pesquisas com o mesmo objetivo, realizadas em Londrina, PR, e nos Estados Unidos, Jorge Henrique Barro também ressalta que “a liderança pastoral foi a causa número um que praticamente perpassou a todos os entrevistados” na pesquisa de Londrina. Quanto à pesquisa feita nos Estados Unidos, ele ainda ressalta que “o desencantamento de membros com os pastores foi apontado por 37% dos entrevistados. Isso reflete o desejo e a necessidade de cuidado que as pessoas têm”.<sup>3</sup>

### Os fiéis

No que se refere aos fiéis, para os entrevistados da região sul do Brasil, “lhes faltam disciplina, reverência e disposição para acatar os ensinamentos da igreja”. Há “excesso de vaidade”, “mornidão espiritual”, “conformismo com o mundo”, “uso de adereços e roupas impróprias”.

As pesquisas analisadas por Barro também assinalaram as mesmas questões. “O comportamento dos membros é responsável por 17% do abandono da igreja. Outros 12% revelam seu desencanto por encontrarem dificuldades para envolvimento.”<sup>4</sup>

Também foram mencionadas razões como mudança de cidade, bairro ou trabalho. Casamento misto, relacionamento sexual e gravidez pré-conjugal, influência de amigos, dificuldade para guardar o sábado, divórcio, morte na família e frustração no relacionamento com outros membros da igreja, afazeres profissionais, pessoais e domésticos também foram motivos apontados.

### O retorno

Questionados sobre como se sentiram após deixar a igreja bem como sobre a pretensão de retornar, os entrevistados deram as seguintes repostas: “Não voltei, não procurei outra igreja, mas continuo com fé em Deus”. “Sinto que devo voltar”. “Não fui para outra igreja; retornei”. “Sinto que não devia ter me afastado. Senti um vazio interior, foi o pior período

da minha vida. O sentimento de vazio e desamparo era constante”. “Senti falta da observância do sábado”.

Os entrevistados também falaram a respeito das expectativas alimentadas em relação à atitude da igreja para com eles. Acharam que seriam procurados por líderes ou membros, que seriam visitados pelo pastor ou que receberiam manifestações de empatia diante dos problemas enfrentados. Outros, revelando-se muito decepcionados, afirmaram não ter expectativas, garantindo que a igreja nunca lhes deu importância.

Incentivadas a apontar fatos que as fariam ou fizeram voltar à igreja, as pessoas mencionaram o interesse pela salvação dos filhos, compreensão do dever de perdoar eventuais ofensores, estado depressivo pessoal, trauma diante da morte de familiares e reconhecimento de que, longe de Cristo, a vida não tem sentido.

### Quantidade versus qualidade

De acordo com Almeida e Montero, na região sul do Brasil, a mudança de filiação religiosa tem-se demonstrado superior à média nacional. Diante disso, como adventistas do sétimo dia, necessitamos priorizar o que realmente é essencial: qualidade em vez de quantidade, ou quantidade com qualidade. Isso envolve criterioso preparo para o batismo e nutrição adequada tendo em vista o crescimento espiritual e solidificação da fé abraçada pelo novo converso.

A igreja deve examinar-se à luz do evangelho e não se contentar apenas com o crescimento numérico de seus membros. Cristo não pregou um evangelho de resultados, mas de verdadeira transformação, plena conversão. Portanto, que a igreja faça sua parte, ensinando por preceito e exemplo o amor de Deus, promovendo a integração dos fiéis, e demonstre real e sincero interesse por eles. Que lhes ajude a carregar os fardos da vida e alivie o peso da cruz que carregam. Que ensine e pratique o perdão, deixando de utilizar a culpa e a força do poder como forma de retê-los.

As pessoas desejam se sentir aceitas, perdoadas, apoiadas, compreendidas e amadas. Querem receber empatia, lealdade e respeito. Precisam se sentir bem na comunidade eclesial. Escreveu Ellen G. White: “Os recém-chegados à fé devem receber um trato paciente e benigno, e é dever dos membros mais antigos da igreja cogitar meios e modos para prover auxílio, simpatia e instrução para os que se retiraram conscienciosamente de outras igrejas por amor da verdade, separando-se assim dos cuidados pastorais a que estavam habituados. A igreja tem responsabilidade especial quanto a atender essas pessoas que seguiram os primeiros raios de luz recebidos; e caso os membros da igreja negligenciem este dever, serão infiéis ao depósito a eles confiado por Deus.”<sup>5</sup>

Finalmente, ela ressalta que “depois de as pessoas se haverem convertido à verdade, cumpre sejam cuidadas. Parece que o zelo de muitos pastores esmorece assim que alcançam certa medida de êxito em seus esforços. Não compreendem que os novos conversos necessitam ser atendidos – vigilante atenção, auxílio, animação. Não devem ser deixados a si mesmos, presa das mais poderosas tentações de Satanás; eles precisam ser instruídos com relação a seus deveres, ser bondosamente tratados, conduzidos e visitados, orando-se com eles”.<sup>6</sup>

Esse é nosso dever. Que Deus nos ajude a cumpri-lo fielmente, fazendo de cada congregação uma cidade de refúgio. ▀

#### Referências:

<sup>1</sup> Paulo Romeiro, *Decepcionados com a Graça: Esperanças e Frustrações no Brasil Neopentecostal* (São Paulo, SP: Mundo Cristão, 2005).

<sup>2</sup> Ronaldo de Almeida e Paula Montero, *Trânsito Religioso no Brasil*. Disponível em [http://www.centrodametropole.org.br/pdf/ronaldo\\_almeida2.pdf](http://www.centrodametropole.org.br/pdf/ronaldo_almeida2.pdf). Acesso em abril de 2009.

<sup>3</sup> Jorge Henrique Barro, *Práxis Evangélica* 12, 2007.

<sup>4</sup> *Ibid.*

<sup>5</sup> Ellen G. White, *Evangélico*, 351.

<sup>6</sup> *Ibid.*

# Roteiro para a missão

*Documento define objetivo final da Igreja para o evangelismo*

Mark A. Kellner

Editor de notícias da Adventist World

A meta evangelística dos adventistas do sétimo dia e seu trabalho missionário entre os adeptos das religiões do mundo é levar as pessoas à fé salvadora em Jesus Cristo e não apenas melhorar a atual experiência religiosa, afirmaram os líderes da igreja, durante o Concílio Anual da Primavera, realizado em abril deste ano.

“Deus está constantemente empenhado em salvar todos quantos Suas mãos possam alcançar”, disse o pastor Jan Paulsen, presidente da Associação Geral, ao apresentar o projeto de um documento para discussão e aprovação pelos representantes da igreja em todo o mundo.

Devidamente editado e apresentado à Comissão Executiva da Associação Geral, no Concílio Anual realizado em outubro, o documento é parte da política de trabalho da Igreja.

## Principais pontos

“O espírito da época incentiva a aceitação de todas as religiões do mundo como válidas expressões do espírito humano e desencoraja

os esforços para persuadir as pessoas de uma religião para outra”, lê-se em um trecho da seção “Análise racional” do documento. Mas, os adventistas “devem encontrar o roteiro para a missão nas instruções específicas e atos de Jesus e dos apóstolos, como registrados nas Escrituras”.

Tendo como base Apocalipse 14:6, 7; 20:9, 10, outra seção do documento, intitulada “A missão”, afirma o seguinte: “Embora outros cristãos também preguem o evangelho, os adventistas compreendem seu chamado especial para proclamar as boas-novas de salvação e obediência aos mandamentos de Deus. Essa proclamação acontece durante o juízo de Deus e enquanto esperamos pelo breve retorno de Jesus, que colocará um ponto final no conflito cósmico”.

A missão adventista, portanto, inclui um processo de proclamação que desenvolve uma comunidade de crentes “que guardam os mandamentos de Deus e a fé em Jesus” (Ap 14:12), praticam o serviço a outros e aguardam ansiosamente pela segunda vinda do Senhor”, diz o documento.

O “Roteiro” encoraja os adventistas a dar primazia à Bíblia como guia de fé e prática cristãs. Escritos de outras religiões do mundo podem ser usados para construir pontes apoiadas por verdades comuns, mas “a nutrição e o crescimento espiritual dos recém-convertidos deve basear-se na Bíblia e em sua autoridade exclusiva”.

O documento ainda apela para a “Abertura e identidade” na missão, declarando que “devemos realizar nossa missão abertamente, não ocultando nosso nome e nosso objetivo, a não ser que isso crie grandes obstáculos. Em muitos contextos, identificar-nos como ‘Adventistas do Sétimo Dia’ é preferível ao termo ‘cristãos’”.

## Sugestões

Os autores do documento sugeriram apenas algumas etapas de ação para levar pessoas a Cristo.

“Em algumas situações, a missão adventista pode incluir a formação de grupos de transição (habitualmente designados como Grupos Especiais de Afinidades) que encaminham pessoas de uma religião não cristã à Igreja

Adventista do Sétimo Dia”, afirma o documento. Entretanto, tais grupos devem funcionar com cuidadoso cronograma “para transformar as pessoas em membros”. Além disso, “[todo] ministério ou grupo que é formado com a intenção de representar a Igreja Adventista do Sétimo Dia em qualquer parte do mundo, deverá esforçar-se para promover tanto a unidade teológica quanto a organizacional da Igreja”.

Os líderes são aconselhados a incluir todas as pessoas em seu planejamento: “A alocação de recursos humanos e financeiros, as necessidades da missão para seguidores de outras religiões devem ser incluídas como parte do planejamento estratégico da missão”.

Na opinião do pastor Ganoune Diop, diretor dos Centros de Estudo de Missão Global da igreja e especialista em islamismo, o documento “evita as ciladas do universalismo e do exclusivismo”.

Para o pastor Garry Karst, um dos vice-presidentes mundiais da igreja, a clareza do documento teria ajudado a resolver tensões enfrentadas pela igreja em várias partes do mundo. ▀

# Pastor batista e esposa são batizados



Foto: Divulgação / Unasp

Casal Gomes e pastor Paroschi

Any Laila  
Do Unasp, Engenheiro Coelho, SP

**A**pós 15 anos de pastorado batista, no dia 5 de setembro, foram batizados na igreja

do Unasp, os irmãos Levi Alves Gomes e sua esposa, Jeanne. A cerimônia foi o clímax de um processo que teve início quando o casal, recém-chegado de Belém, PA, assumiu o pastorado de uma igreja batista em Mogi das Cruzes, SP, há três anos.

Levi e Jeanne precisavam covalidar os respectivos diplomas do curso teológico e descobriram que, bem perto de onde moram, o Unasp realizava no mês de janeiro um curso que lhes possibilitaria a concretização do processo. Matricularam-se e cursaram as matérias necessárias.

Com o objetivo de esclarecer questionamentos doutrinários apresentados durante as aulas, o pastor Wilson Paroschi, professor

do Seminário Teológico, passou a visitar e estudar a Bíblia com o casal. Numa ocasião em que visitavam a filha, os pais de Jeanne também receberam os primeiros estudos, o que continuaram fazendo de volta a Belém.

Por solicitação do próprio casal Gomes, o primeiro tema estudado foi sobre a guarda do sábado. Esclarecido o assunto, a decisão de observar o quarto mandamento foi prontamente tomada, inclusive com o incentivo da mãe de Jeanne, que fizera o mesmo na capital paraense.

Justificando sua decisão pelo batismo na igreja adventista do sétimo dia, Levi citou as palavras de Jesus: "Se Me amais, guardareis os Meus mandamentos" (Jo 14:15). ■

## HUMOR



Ilustração: Carlos Seribelli / Jastel Botelho

## VEJA NA INTERNET [www.biblos.com](http://www.biblos.com)



Nos últimos nove anos, cada revista *Ministério* tem indicado um *site* da internet cujo conteúdo pode ser útil como fonte de subsídios para os pastores e pregadores. O *site* sugerido nesta ocasião é tão amplo, completo e complexo que requereu um espaço maior para ser apresentado. Ele pode ser considerado uma das mais completas caixas de ferramentas para quem estuda e prega a Bíblia.

O projeto desse *site* vem sendo desenvolvido e ampliado há cinco anos. Representa a concretização do sonho de um grupo de evangélicos que deseja disponibilizar gratuitamente um conjunto versões bíblicas (já são 128), bons dicionários, enciclopédias, comentários bíblicos e outros materiais teológicos (não doutrinários) para facilitar a vida dos estudiosos da Palavra de Deus.

### Página inicial

A grande quantidade de barras de *links* e as várias caixas de seleção ou de entrada de texto na página inicial podem trazer dificuldades para o iniciante. Porém, cada coisa está ali para direcionar ou restringir uma pesquisa, e muitos *links* são duplicados para que de alguma forma o usuário chegue até o conteúdo.

Começando pelo alto da tela: Aquela barrinha com as bandeirinhas contém os *links* para algumas das principais versões da Bíblia. Ao passar o mouse por cima, dá para ver qual é a versão em cada caso. A única versão em português é a Almeida Revista e Atualizada, e está identificada com a bandeira de Portugal.

Na linha que fica logo abaixo, estão os *links* para as principais páginas. Não perca de vista o **Home**, pois vai precisar dele, cada vez que quiser volta à página inicial. Os demais *links* dessa linha repetem os botões grandes colocados na parte do centro para baixo da tela.

Mais abaixo, estão as caixas de entrada de texto: À esquerda, para livro bíblico, capítulo e versículo; e ao

centro, para digitar a palavra ou frase a ser pesquisada. À direita, há uma caixa de seleção, que permite escolher uma versão ou conteúdo.

Logo abaixo do logotipo **Biblos**, há uma barra muito útil, pois informa (no centro) o tipo de atividade selecionada, e, nas pontas, pode-se clicar para retroceder ou avançar um versículo, capítulo ou livro bíblico. Os *links* da barra seguinte e também das abas, logo abaixo, mudam em função da atividade selecionada.

### Botões principais

Os 25 botões grandes, na parte de baixo da tela principal, são os *links* para todas as áreas do *site*:

1. **Atlas**: mapas de todas as localidades da Bíblia, com informações, ocorrências, Google, etc.
2. **Bible**: busca por palavra, frase, versículo. Experimente as opções das abas ou da barra que está logo acima. Por exemplo: **Parallel**, **Split View** ou **TSK**.
3. **Concordance**: digite a palavra ou frase, ou selecione a partir da lista em ordem alfabética.
4. **Dictionary**: além de digitar ou escolher a palavra, como no caso anterior, clique nas abas, para complementar.
5. **Encyclopedia**: mais de 30 mil itens.
6. **Reference Bible**: indexa todos os itens das concordâncias, dicionários e enciclopédias.
7. **Commentary**: disponibiliza nove comentários bíblicos.
8. **Interlinear**: verso por verso, em hebraico ou grego.
9. **Interwoven Gospels**: os evangelhos interrelacionados. Na lista de temas e itens, basta clicar num deles.
10. **Parallel Gospels**: harmonia dos evangelhos.
11. **Measures**: pesos e medidas da Bíblia e seus correspondentes nas medidas modernas.
12. **Mobile**: textos bíblicos para celulares e PDAs.
13. **Thesaurus**: banco de termos correlatos dos bíblicos, com mais de um milhão de acepções.
14. **Devotions**: devocional de Spurgeon, para a manhã e noite.
15. **Visuals**: acesso a milhares de fotos e desenhos, disponíveis para download gratuito de Visual Bible Alive.
16. **Multilingual**: a Bíblia em mais de 40 línguas.
17. **Lexicon**: bem completo.
18. **GNT Concordance**: concordância do NT grego.
19. **Strong's**: todos os tópicos da classificação de Strong, em ordem numérica.
20. **Apocrypha**: livros e acréscimos apócrifos do AT.
21. **Story Lists**: centenas de histórias bíblicas.
22. **Chronological Bible**: eventos bíblicos em ordem cronológica.
- 23-25. **People, Places, Topics**: listas de pessoas, lugares e temas bíblicos, com suas respectivas histórias.

Márcio Dias Guarda



# Nobel da esperança

**E**m 1964, com apenas 35 anos de idade, Martin Luther King foi ganhador do Prêmio Nobel da Paz, por causa do seu constante apelo contra a violência e sua luta pelos direitos civis. Ele foi o principal motivador da histórica marcha a Washington, em 28 de agosto de 1963, da qual participaram duzentas mil pessoas. Diante daquela multidão, junto às grades do Memorial Lincoln, Luther King discursou emocionalmente:

“Sonho com o dia em que ‘todo vale será aterrado, e nivelados, todos os montes e outeiros; o que é tortuoso será retificado, e os lugares escabrosos, aplanados. A glória do Senhor se manifestará, e toda a carne a verá...’ (Is 40:4, 5).

“Não podemos caminhar sozinhos, nós temos que fazer a promessa de que sempre marcharemos adiante. Não podemos retroceder. Jamais podemos estar satisfeitos, enquanto nossos corpos estão fadigados de tanto viajar. Não, não, nós não estamos nem estaremos satisfeitos, até que a justiça e a retidão rolem abaixo como águas de uma poderosa correnteza.

“Sei que alguns de vocês vieram até aqui depois de enfrentar duras provas e grande sofrimento... golpeados e perseguidos. Vocês são veteranos do sofrimento. Continuem trabalhando com a certeza de que o sofrimento imerecido é redentor. Voltem... Sabendo que, de algum modo, esta situação pode e será mudada. Não se deixem cair no vale do desespero. Apesar das dificuldades do momento, eu ainda alimento um sonho profundamente arraigado.

“Sonho com o dia em que os filhos dos descendentes de escravos e os filhos dos descendentes dos donos de

escravos possam sentar juntos à mesa da fraternidade. Sonho com o dia em que a nação se converta num oásis de liberdade e justiça.

“Por isso, que soe a liberdade no extraordinário topo da montanha... desde as gigantescas montanhas... desde as alturas... desde as montanhas cobertas de neve... desde as ladeiras sinuosas... desde cada colina e montanha... de cada encosta de montanha, que soe a liberdade.

“E, quando a liberdade soar, e a deixarmos soar em cada aldeia, cada moradia, cada vilarejo, cada estado e cada cidade, poderemos apressar aquele dia em que todos os filhos de Deus, homens pretos e homens brancos, judeus e gentios, protestantes e católicos, poderão

unir as mãos e cantar as palavras do antigo *negro spiritual*: ‘Livres afinal, livres afinal. Agradeço ao Deus todo-poderoso, nós somos livres, afinal!’

É comovedor pensar nos ideais que impulsionaram Luther

King a sonhar e lutar em defesa dos direitos dos desprotegidos e, finalmente, ser recompensado com o Prêmio Nobel da Paz. Entretanto, é mais comovedor pensar em nosso sonho, caro pastor, que deve coincidir com o sonho de Jesus, de ver a igreja preparada para a eternidade, quando os muros de separação serão destruídos, quando todos nós seremos um, quando a escravidão do pecado tiver fim, e começar a verdadeira liberdade. Então, receberemos o Prêmio Nobel da Esperança, a coroa da vida eterna.

À semelhança de Moisés, recebemos de Deus o desafio de libertar Seu povo da escravidão espiritual e levá-lo à terra que mana leite e mel. Sonhemos acordados, em comunhão e missão, enquanto trabalhamos com sentido de urgência. ▀

*“Nosso sonho deve coincidir com o sonho de Jesus, de ver a igreja preparada para a eternidade”*

# COMENTÁRIOS DE ELLEN G. WHITE

## PARA LIÇÃO



Comentários de Ellen White é um complemento que vai oferecer a você conhecimento doutrinário e teológico para o estudo de sua lição, auxiliando-o na compreensão dos temas abordados. A publicação é trimestral. Faça sua assinatura e receba em casa!

Para adquirir, ligue: 0800-9790606\*, acesse: [www.cpb.com.br](http://www.cpb.com.br),  
faça seu pedido no SELS ou dirija-se a uma das Lojas da Casa.

\*Horários de atendimento: Segunda a quinta, das 8h às 20h / Sexta, das 7h30 às 15h45 / Domingo, das 8h30 às 14h

